

A ARTE DA PRUDÊNCIA

BALTASAR GRACIÁN



A Arte da Prudência

Oráculo Manual e Arte de Prudência

Baltasar Gracián

Edição Literunico em português brasileiro preparada a partir do texto espanhol de 1647, com fonte-base na Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes e conferência estrutural pela Wikisource em espanhol. Obra em domínio público.

Ao leitor

Aforismos I-XXV

I. Tudo já está em seu ponto; e ser pessoa, no maior.

Hoje se exige mais para um sábio do que antigamente para sete; e é preciso mais para tratar com um só homem nestes tempos do que, nos passados, com todo um povo.

II. Gênio e engenho.

São os dois eixos do brilho das qualidades: um sem o outro dá felicidade apenas pela metade. Não basta ser entendido; deseja-se também o natural feliz. Desgraça de néscio: errar a vocação no estado, no ofício, na terra, na familiaridade.

III. Conduzir seus assuntos com suspensão.

A admiração da novidade é estima dos acertos. Jogar a jogo descoberto não traz utilidade nem gosto. Não se declarar logo mantém suspensa a atenção, sobretudo quando a grandeza do emprego dá motivo à expectativa universal; insinua mistério em tudo e, por sua própria reserva, provoca veneração. Mesmo ao fazer-se entender, deve-se fugir da lhanura, assim como no trato não se deve franquear o interior a todos. O silêncio recatado é sagrado da prudência. A resolução declarada nunca foi estimada; antes se entrega à censura, e, se sair mal, será duas vezes infeliz.

Imite-se, pois, o proceder divino, para conservar os outros à espera e em vigília.

IV. Saber e valor alternam grandeza.

Porque são grandes, tornam imortais. Tanto é alguém quanto sabe; e o sábio tudo pode. Homem sem notícias, mundo às escuras. Conselho e forças, olhos e mãos: sem valor, a sabedoria é estéril.

V. Fazer depender.

Não faz o nune quem o doura, mas quem o adora: o sagaz prefere os que precisam dele aos que apenas lhe agradecem. Confiar na gratidão vil é roubar a esperança cortês, pois, quanto esta é memoriosa, aquela é esquecediça. Mais se tira da dependência que da cortesia: o satisfeito logo vira as costas à fonte, e a laranja espremida cai do ouro ao lodo. Acabada a dependência, acaba a correspondência; e, com ela, a estimação.

Seja lição, e das primeiras na experiência, conservá-la sem satisfazê-la de todo, mantendo sempre em necessidade de si até mesmo o patrono coroado. Mas não se deve chegar ao excesso de calar para que ele erre, nem tornar incurável o dano alheio por proveito próprio.

VI. Homem em seu ponto.

Não se nasce feito: vai-se, a cada dia, aperfeiçoando a pessoa e o ofício até chegar ao ponto do ser consumado, ao complemento das prendas e das eminências. Reconhece-se isso no realce do gosto, na purificação do engenho, na maturidade do juízo, no depuramento da vontade. Alguns nunca chegam a ser cabais; falta-lhes sempre alguma coisa. Outros demoram a fazer-se. O varão consumado, sábio nos ditos e prudente nos feitos, é admitido e até desejado no singular comércio dos discretos.

VII. Evitar vitórias sobre o patrono.

Toda vitória é odiosa; sobre o senhor, ou é tola, ou fatal. A superioridade sempre foi aborrecida, quanto mais diante da própria superioridade. Vantagens vulgares costuma a atenção dissimular, como quem desmente a beleza pelo desalinho. Encontrar-se-á quem queira ceder na fortuna e no gênio; no engenho, ninguém, muito menos uma soberania. Este é atributo de rei, e qualquer crime contra ele é de lesa-majestade. Os soberanos o são e querem sê-lo naquilo que mais importa. Gostam os príncipes de ser ajudados, não excedidos; e que o aviso pareça antes lembrança do que esqueciam do que luz sobre o que não alcançaram. Ensinam-nos esta sutileza os astros: embora filhos e brilhantes, nunca se atrevem aos fulgores do sol.

VIII. Homem impassível.

É prenda da maior alteza de ânimo. Sua própria superioridade o redime da sujeição a impressões vulgares e estranhas. Não há maior senhorio que o de si mesmo e de seus afetos, que chega a ser triunfo do livre-arbítrio. E, quando a paixão ocupar a pessoa, que não se atreva ao ofício, tanto menos quanto mais alto ele for: modo culto de poupar desgostos e ainda atalhar danos à reputação.

IX. Desmentir os achaques de sua nação.

A água participa das qualidades boas ou más dos veios por onde passa; e o homem, das do clima onde nasce. Uns devem mais que outros às suas pátrias, pois lhes coube ali um zênite mais favorável. Não há nação que escape de algum defeito original; até as mais cultas logo são censuradas pelos vizinhos, por cautela ou por consolo. É destreza vitoriosa corrigir, ou ao menos desmentir, esses desdouros nacionais: conquista-se assim o plausível crédito de único entre os seus, pois o que menos se esperava se estima mais. Há também achaques da linhagem, do estado, do ofício e da idade; se todos coincidem num sujeito e a atenção não os previne, fazem dele um monstro intolerável.

X. Fortuna e fama.

O que uma tem de inconstante, a outra tem de firme. A primeira serve para viver; a segunda, para depois. Aquela protege contra a inveja; esta, contra o esquecimento. A fortuna se deseja e às vezes se ajuda; a fama se trabalha. O desejo de reputação nasce da virtude. Foi, e é, irmã de gigantes a fama: anda sempre por extremos, ou monstros, ou prodígios, de abominação ou de aplauso.

XI. Tratar com quem se possa aprender.

Seja o trato amigável escola de erudição, e a conversa, ensino culto: fazer dos amigos mestres, unindo a utilidade de aprender ao gosto de conversar. Alterna-se a fruição com os entendidos, aproveitando o que se diz pelo aplauso com que se recebe, e o que se ouve pelo ensinamento que traz. Ordinariamente nos leva a outro a conveniência própria; aqui, enobrecida. O atento frequenta as casas daqueles heróis cortesãos que são mais teatros de heroicidade que palácios de vaidade. Há senhores acreditados como discretos que, além de serem eles mesmos oráculos de toda grandeza por exemplo e trato, fazem do cortejo dos que os assistem uma academia cortês de toda boa e galante discricção.

XII. Natureza e arte; matéria e obra.

Não há beleza sem ajuda, nem perfeição que não dê em barbárie sem o realce do artifício. A arte socorre o mau e aperfeiçoa o bom. A natureza comumente nos deixa no melhor ponto apenas em bruto; acolhamo-nos à arte. O melhor natural é inculto sem ela, e falta metade às perfeições quando lhes falta cultura. Todo homem sabe a tosco sem artifício, e precisa polir-se em toda ordem de perfeição.

XIII. Agir com intenção, ora segunda, ora primeira.

A vida do homem é milícia contra a malícia do homem; a sagacidade peleja com estratégias de intenção. Nunca faz o que indica; aponta, sim, para deslumbrar. Ameaça o ar com destreza e executa na realidade inesperada, sempre atenta a desmentir. Lança uma intenção para assegurar-se contra a atenção rival, e logo se volta contra ela, vencendo pelo impensado.

Mas a inteligência penetrante a previne com atenções refletidas, espreita-a, entende sempre o contrário daquilo que querem que entenda e percebe logo qualquer tentativa de falso. Deixa passar toda primeira intenção e fica à espera da segunda e até da terceira. A simulação aumenta ao ver descoberto seu artifício, e pretende enganar com a própria verdade: muda de jogo por mudar de artimanha, e faz artifício do não artifício, fundando sua astúcia na maior candura. Acorre a observação, entendendo-lhe a perspicácia, e descobre as trevas revestidas de luz; decifra a intenção tanto mais escondida quanto mais simples. Assim combatem a calidez de Píton e a candidez dos penetrantes raios de Apolo.

XIV. A realidade e o modo.

Não basta a substância; requer-se também a circunstância. Um mau modo estraga tudo, até a justiça e a razão. O bom tudo supre: doura o não, adoça a verdade e enfeita a própria velhice. O como tem grande parte nas coisas, e o pequeno modo é jogador dos gostos. Um belo portar-se é a gala do viver; desempenha singularmente todo bom termo.

XV. Ter engenhos auxiliares.

Felicidade dos poderosos: acompanhar-se de valentes de entendimento que os tirem de todo aperto ignorante e lhes pelejem as pendências da dificuldade. É singular grandeza servir-se de sábios, e excede o gosto bárbaro de Tigranes, que afetava ter reis vencidos por criados. Novo gênero de senhorio: no melhor do viver, fazer servos por arte daqueles que a natureza fez superiores.

Há muito que saber e pouco que viver; e não se vive se não se sabe. É, pois, singular destreza estudar sem custo, e muito por muitos, sabendo por todos. Depois, fala-se em conselho por muitos, ou por sua boca falam tantos sábios quantos o preveniram, conquistando crédito de oráculo com suor alheio. Esses primeiro escolhem a lição, e depois o servem na quinta-essência do saber. Mas quem não puder alcançar a sabedoria em servidão, logre-a em familiaridade.

XVI. Saber com reta intenção.

Assegura fecundidade de acertos. Monstruosa violência foi sempre um bom entendimento casado com má vontade. A intenção malévola é veneno das perfeições e, ajudada pelo saber, corrompe com maior sutileza. Infeliz eminência a que se emprega na vileza. Ciência sem senso é loucura dobrada.

XVII. Variar o teor no agir.

Não proceder sempre de um só modo, para deslumbrar a atenção, sobretudo se rival. Nem sempre de primeira intenção, pois lhe apanharão a uniformidade, prevenindo-o e até frustrando-lhe as ações. Fácil é matar em voo a ave que segue sempre o mesmo rumo; não assim a que o torce. Nem sempre de segunda intenção, pois entenderão a artimanha à segunda vez. A malícia está à espera; grande sutileza é necessária para desmenti-la. O jogador nunca joga a peça que o contrário presume, e menos ainda a que deseja.

XVIII. Aplicação e Minerva.

Não há eminência sem ambas; e, se concorrem, há excesso. Mais consegue uma mediania com aplicação que uma superioridade sem ela. Compra-se a reputação a preço de trabalho; pouco vale o que pouco custa. Até para os primeiros empregos se

desejou, em alguns, a aplicação: raras vezes desmente o gênio. Não ser eminente no emprego vulgar por querer ser mediano no sublime tem desculpa de generosidade; mas contentar-se em ser mediano no último, podendo ser excelente no primeiro, não a tem. Requerem-se, pois, natureza e arte; e a aplicação lhes põe o selo.

XIX. Não entrar com expectativa excessiva.

Desaire ordinário de tudo o que é muito celebrado antes: depois não alcançar o excesso concebido. Nunca o verdadeiro pode chegar ao imaginado, porque fingir perfeições é fácil, e consegui-las muito dificultoso. A imaginação casa-se com o desejo e concebe sempre muito mais do que as coisas são. Por grandes que sejam as excelências, não bastam a satisfazer o conceito; e, como o encontram enganado pela expectativa exorbitante, antes o desenganam que o admiram. A esperança é grande falsificadora da verdade: corrija-a a prudência, procurando que a fruição seja superior ao desejo.

Alguns princípios de crédito servem para despertar a curiosidade, não para empenhar o objeto. Melhor sai quando a realidade excede o conceito e é mais do que se acreditou. Esta regra falhará no mau, pois a própria exageração o ajuda: desmentida com aplauso, chega até a parecer tolerável aquilo que se temeu como extremo de ruindade.

XX. Homem em seu século.

Os sujeitos eminentemente raros dependem dos tempos. Nem todos tiveram o século que mereciam, e muitos, embora o tivessem, não souberam aproveitá-lo. Alguns foram dignos de melhor século, pois nem todo bem triunfa sempre; as coisas têm sua vez, e até as eminências seguem o uso. Mas o sábio leva uma vantagem: é eterno; e, se este não é o seu século, muitos outros o serão.

XXI. Arte para ser ditoso.

Há regras de ventura, pois nem tudo é acaso para o sábio; pode a felicidade ser ajudada pela indústria. Alguns se contentam em postar-se de bom ar às portas da fortuna e esperam que ela opere. Outros, melhores, passam adiante e se valem da audácia cordata, que, nas asas de sua virtude e valor, pode alcançar a dita e lisonjeá-la eficazmente. Mas, bem filosofado, não há outro arbítrio senão o da virtude e da atenção, porque não há mais dita nem mais desdita que prudência ou imprudência.

XXII. Homem de notícias plausíveis.

É munição dos discretos a erudição cortês, gostosa: um saber prático de tudo o que corre, mais noticioso que vulgar. Ter uma cópia bem temperada de sais nos ditos, de

galanteria nos feitos, e saber empregá-los na ocasião; pois às vezes saiu melhor o aviso num chiste que no mais grave magistério. Sabedoria conversável valeu mais a alguns que todas as sete artes, por mais liberais que fossem.

XXIII. Não ter algum desdouro.

É o destino da perfeição. Poucos vivem sem achaque, tanto no moral como no natural, e se apaixonam por eles quando poderiam curá-los facilmente. Dói à prudência alheia ver que a uma sublime universalidade de prendas se atreva, às vezes, um mínimo defeito; e basta uma nuvem para eclipsar todo um sol. São manchas da reputação, onde logo para, e até repara, a malevolência. Grande destreza seria convertê-las em realces. Assim soube César laurear o desaire natural.

XXIV. Temperar a imaginação.

Umaz vezes corrigindo-a, outras ajudando-a, pois ela é tudo para a felicidade e até ajusta a prudência. Torna-se tirana: não se contenta com a especulação, mas age, e costuma assenhorear-se da vida, fazendo-a gostosa ou pesada conforme a necessidade em que cai, pois torna os homens descontentes ou satisfeitos consigo mesmos. A uns representa continuamente penas, feita verdugo doméstico de néscios. A outros propõe felicidades e aventuras com alegre desvanecimento. Tudo isso pode, se não a freia a prudentíssima sindérese.

XXV. Bom entendedor.

Arte das artes era saber discorrer; já não basta: é preciso adivinhar, sobretudo nos desenganos. Não pode ser entendido quem não for bom entendedor. Há zahoris do coração e lincas das intenções. As verdades que mais nos importam vêm sempre ditas pela metade; receba-as o atento por inteiro. No favorável, puxe as rédeas à credulidade; no odioso, dê-lhe espóra.

Aforismos XXVI-L

XXVI. Encontrar em cada um o seu ponto de torção.

É a arte de mover vontades; consiste mais em destreza que em resolução: saber por onde se deve entrar em cada um. Não há vontade sem afeição especial, e elas diferem conforme a variedade dos gostos. Todos são idólatras: uns da estima, outros do interesse, e a maioria do deleite. A manha está em conhecer esses ídolos para motivar, descobrindo em cada qual o impulso eficaz: é como ter a chave do querer alheio.

Deve-se ir ao primeiro motor, que nem sempre é o supremo; as mais das vezes é o ínfimo, porque há no mundo mais desordenados que subordinados. Primeiro se há de prevenir o gênio; depois, tocar-lhe o verbo; por fim, carregar sobre a afeição, que infalivelmente dará mate ao livre-arbítrio.

XXVII. Pagar-se mais das intensões que das extensões.

A perfeição não consiste na quantidade, mas na qualidade. Tudo o que é muito bom foi sempre pouco e raro; o excesso desacredita. Mesmo entre os homens, os gigantes costumam ser os verdadeiros anões. Alguns estimam os livros pela corpulência, como se fossem escritos para exercitar antes os braços que os engenhos.

A extensão sozinha nunca pôde exceder a mediania; e é praga dos homens universais, por quererem estar em tudo, estarem em nada. A intensão dá eminência, e heroica quando em matéria sublime.

XXVIII. Em nada vulgar.

Não no gosto. Oh, grande sábio aquele que se desgostava de que suas coisas agradassem aos muitos! Farturas de aplauso comum não satisfazem aos discretos. Alguns são tão camaleões da popularidade que põem sua fruição não nas suavíssimas marés de Apolo, mas no hálito vulgar.

Nem no entendimento: não se pague dos milagres do vulgo, que não passam de espanta-ignorantes, admirando a necedade comum enquanto desenganam a advertência singular.

XXIX. Homem de inteireza.

Sempre do lado da razão, com tal firmeza de propósito que nem a paixão vulgar nem a violência tirana o obriguem jamais a pisar fora da linha da razão. Mas quem será esse fênix da equidade? Poucos têm fina a inteireza. Muitos a celebram, mas não a acolhem em casa; outros a seguem até o perigo; nele, os falsos a negam, e os

políticos a dissimulam.

Ela não repara em encontrar-se contra a amizade, contra o poder e até contra a própria conveniência; e aqui está o aperto de desconhecê-la. Os astutos abstraem com metafísica plausível para não ofender, ora a razão superior, ora a razão de Estado. Mas o varão constante julga o disfarce espécie de traição; preza mais a tenacidade que a sagacidade; encontra-se onde se encontra a verdade. E, se deixa os sujeitos, não é por variação sua, mas deles, que antes a deixaram.

XXX. Não fazer profissão de ofícios desautorizados.

Muito menos de quimera, que serve mais para solicitar o desprezo que o crédito. São muitas as seitas do capricho, e de todas deve fugir o varão prudente. Há gostos exóticos, que se casam sempre com tudo aquilo que os sábios repudiam: vivem muito satisfeitos de toda singularidade, que, embora os torne muito conhecidos, é mais por motivos de riso que de reputação.

Mesmo na profissão de sábio, não se há de assinalar o atento; muito menos naquelas que tornam ridículos seus afetadores. Nem é preciso especificá-las, porque o descrédito comum as tem individuadas.

XXXI. Conhecer os afortunados para a escolha, e os desditosos para a fuga.

A infelicidade é ordinariamente crime de needade, e contamina seus participantes: não há contágio tão pegadiço. Nunca se deve abrir a porta ao menor mal, pois sempre virão atrás dele muitos outros, e maiores, em emboscada. A melhor manobra do jogo é saber descartar-se: vale mais a menor carta do triunfo que corre que a maior do que já passou. Na dúvida, acerto é chegar-se aos sábios e prudentes, que cedo ou tarde topam com a ventura.

XXXII. Estar em opinião de dar gosto.

Para os que governam, é grande crédito agradar: realce dos soberanos para conquistar a graça universal. Esta só é a vantagem de mandar: poder fazer mais bem que todos. Verdadeiros amigos são aqueles que fazem amizades.

Ao contrário, há outros postos em não dar gosto, não tanto pelo que têm de pesados quanto pelo que têm de malignos, opostos em tudo à divina comunicabilidade.

XXXIII. Saber abstrair-se.

Se é grande lição do viver saber negar, maior será saber negar-se a si mesmo, aos negócios, aos personagens. Há ocupações estranhas, traças do precioso tempo; e pior

é ocupar-se no impertinente que nada fazer. Não basta ao atento não ser intrometido; é preciso cuidar que não o intrometam.

Não deve ser tão de todos que deixe de ser de si mesmo. Nem dos amigos se deve abusar, nem querer deles mais do que concederem. Todo excesso é vicioso, e muito mais no trato. Com essa cordata temperança conserva-se melhor o agrado de todos e a estima, porque não se desgasta a preciosíssima decência. Tenha, pois, liberdade de gênio, apaixonado pelo seletto, e nunca peque contra a fé de seu bom gosto.

XXXIV. Conhecer seu realce-rei.

A prenda relevante: cultivá-la e ajudar as demais. Qualquer um teria conseguido eminência em algo se houvesse conhecido sua vantagem. Observe o atributo-rei e aplique-se a ele. Em uns excede o juízo; em outros, o valor. A maioria violenta sua Minerva, e assim não consegue superioridade em nada: o que logo lisonjeia a paixão, tarde o tempo desengana.

XXXV. Fazer conceito.

E sobretudo daquilo que mais importa. Por não pensar se perdem todos os néscios: nunca concebem nas coisas a metade; e, como não percebem o dano nem a conveniência, tampouco aplicam a diligência. Alguns fazem muito caso do que importa pouco, e pouco do que importa muito, ponderando sempre ao contrário. Muitos, por falta de sentido, nem chegam a perdê-lo.

Há coisas que deveriam ser observadas com todo empenho e conservadas na profundidade da mente. O sábio faz conceito de tudo, embora com distinção: cava onde há fundo e reparo; e pensa, às vezes, que há mais do que pensa, de modo que a reflexão chega onde a apreensão não chegou.

XXXVI. Ter sondada a própria fortuna.

Para proceder, para empenhar-se. Importa mais que a observação do temperamento; pois, se é néscio quem aos quarenta anos chama Hipócrates para a saúde, mais o é quem chama Sêneca para a prudência. Grande arte é saber reger a fortuna: ora esperando-a, pois também nela cabe espera; ora aproveitando-a, pois ela tem vez e contingência, embora não se lhe possa apanhar o teor, tão anômalo é seu proceder.

Quem a observou favorável prossiga com desembaraço, pois ela costuma apaixonar-se pelos ousados e, como bizarra, pelos jovens. Não aja o infeliz: retire-se, e não lhe dê ocasião de duas infelicidades. Avance aquele a quem ela favorece.

XXXVII. Conhecer e saber usar as varinhas.

É o ponto mais sutil do trato humano. Arremessam-se para tentativa dos ânimos, e com elas se faz a mais dissimulada e penetrante sondagem do coração. Outras há maliciosas, arremessadiças, tocadas pela erva da inveja, untadas pelo veneno da paixão: raios imperceptíveis para derrubar da graça e da estima.

Muitos caíram da privança superior e inferior feridos por um dito leve desses, quando toda uma conspiração de murmuração vulgar e malevolência singular não bastara para lhes causar a menor trepidação. Outras operam ao contrário, como favoráveis, apoiando e confirmando na reputação. Mas, com a mesma destreza com que a intenção as lança, deve a cautela recebê-las e a atenção esperá-las, porque a defesa está em conhecê-las, e fica sempre frustrado o tiro prevenido.

XXXVIII. Saber retirar-se ganhando com a fortuna.

É coisa de jogadores de reputação. Tanto importa uma bela retirada quanto uma bizarra investida: pôr a salvo as façanhas quando forem bastantes, quando forem muitas. Felicidade continuada foi sempre suspeita; mais segura é a interpolada, que tenha algo de agridoce até para a fruição. Quanto mais atropeladas correm as ditas, maior o risco de deslizarem e darem com tudo por terra. Compensa-se às vezes a brevidade da duração com a intensão do favor. Cansa-se a fortuna de levar alguém às costas por tanto tempo.

XXXIX. Conhecer as coisas em seu ponto, em sua sazão, e saber aproveitá-las.

Todas as obras da natureza chegam ao complemento de sua perfeição: até ali foram ganhando; dali em diante, perdendo. Das obras da arte, raras são as que chegam ao ponto de não poderem melhorar. É eminência de bom gosto gozar cada coisa em seu complemento; nem todos podem, e nem os que podem sabem. Até nos frutos do entendimento há esse ponto de madureza; importa conhecê-lo para a estima e para o exercício.

XL. Graça das gentes.

Muito é conseguir a admiração comum; mais ainda, a afeição. Algo tem de estrela, mas o mais é indústria: começa por aquela e prossegue por esta. Não basta a eminência das prendas, embora se suponha fácil ganhar o afeto depois de ganho o conceito.

Requer-se, pois, para a benevolência, a beneficência: fazer o bem a todas as mãos, boas palavras e melhores obras, amar para ser amado. A cortesia é o maior feitiço político dos grandes personagens. Deve-se estender a mão primeiro às façanhas e depois às plumas, da folha às folhas, pois há graça de escritores, e é eterna.

XLI. Nunca exagerar.

Grande assunto da atenção: não falar por superlativos, tanto para não se expor a ofender a verdade quanto para não desdourar a própria prudência. As exagerações são prodigalidades da estima e dão indício da curta medida do conhecimento e do gosto. O louvor desperta vivamente a curiosidade, espicaça o desejo; e depois, se o valor não corresponde ao apreço, como de ordinário acontece, a expectativa se volta contra o engano e se desafoga no menosprezo do celebrado e de quem celebrou.

Anda, pois, o prudente muito contido, e prefere pecar por curto a pecar por largo. Raras são as eminências: tempere-se a estima. Encarecer é ramo do mentir; e nisso se perde o crédito de bom gosto, que é grande, e o de entendido, que é maior.

XLII. Do império natural.

É uma força secreta de superioridade. Não deve proceder do artifício enfadonho, mas de um natural imperioso. Todos se lhe sujeitam sem advertir como, reconhecendo o vigor secreto da autoridade conatural. São esses os gênios senhoriais, reis por mérito e leões por privilégio inato, que tomam o coração, e até o discurso, dos demais, pela fé do respeito. Se as outras prendas os favorecem, nasceram para primeiros móveis políticos, porque executam mais com um aceno do que outros com uma prolixidade.

XLIII. Sentir com os menos e falar com os mais.

Querer ir contra a corrente é tão impossível ao desengano quanto fácil ao perigo. Só um Sócrates poderia empreendê-lo. Tem-se por agravo o dissentir, porque é condenar o juízo alheio. Multiplicam-se os desgostosos, tanto pelo sujeito censurado quanto por quem o aplaudia. A verdade é de poucos; o engano é tão comum quanto vulgar.

Não se deve reconhecer o sábio pelo que fala na praça, pois ali ele não fala com sua voz, mas com a da necedade comum, por mais que por dentro a esteja desmentindo. O prudente tanto foge de ser contradito quanto de contradizer: se é pronto para a censura, é detido na publicação dela. O sentir é livre, não se pode nem se deve violentar; recolhe-se ao sagrado de seu silêncio; e, se alguma vez se permite, é à sombra de poucos e prudentes.

XLIV. Simpatia com os grandes varões.

Prenda de herói é combinar com heróis: prodígio da natureza pelo que tem de oculto e de vantajoso. Há parentesco de corações e de gênios, e são seus efeitos aquilo que a ignorância vulgar atribui a filtros. Não para na estima apenas: adianta-se à benevolência e chega até à propensão. Persuade sem palavras e consegue sem

méritos. Há simpatia ativa e passiva; uma e outra felizes, tanto mais quanto mais sublimes. Grande destreza é conhecê-las, distingui-las e saber aproveitá-las, pois não há porfia que baste sem esse favor secreto.

XLV. Usar, não abusar, das reflexões.

Não se devem afetar, muito menos dar a entender. Toda arte se deve encobrir, porque é suspeitosa; e mais a cautela, que é odiosa. Usa-se muito o engano; multiplique-se o receio, mas sem se dar a conhecer, pois isso ocasionaria a desconfiança. Ela desobriga muito, provoca vingança e desperta o mal que não se imaginou.

A reflexão no proceder é grande vantagem no agir: não há maior argumento do discurso. A maior perfeição das ações está afiançada pelo senhorio com que se executam.

XLVI. Corrigir sua antipatia.

Costumamos aborrecer de graça, e até antes de conhecer as prendas previstas. Às vezes essa aversão inata e vulgarizante se atreve contra varões eminentes. Corrija-a a prudência, pois não há pior descrédito que aborrecer os melhores: o que a simpatia com heróis tem de vantagem, a antipatia tem de desdouro.

XLVII. Fugir dos empenhos.

É um dos primeiros assuntos da prudência. Nas grandes capacidades há sempre grandes distâncias até os últimos transes: muito há que andar de um extremo a outro, e elas permanecem sempre no meio de sua prudência. Chegam tarde ao rompimento, pois é mais fácil furtar o corpo à ocasião que sair-se bem dela.

Os empenhos são tentações do juízo; mais seguro é fugir deles que vencê-los. Um empenho traz outro maior e fica muito à beira do despenhadeiro. Há homens ocasionados por gênio, e até por nação, fáceis de se meter em obrigações; mas quem caminha à luz da razão sempre vai muito acima do caso. Estima por maior valor não se empenhar que vencer; e, já que haja um néscio ocasionado, evita que com ele sejam dois.

XLVIII. Homem com fundos: tanto tem de pessoa.

Sempre há de ser outro tanto maior o interior que o exterior em tudo. Há sujeitos de pura fachada, como casas por acabar, porque faltou cabedal: têm entrada de palácio e habitação de choupana. Não há neles onde parar, ou tudo para, porque, acabada a primeira saudação, acabou a conversa. Entram pelas primeiras cortesias como cavalos sicilianos, e logo param em silênciosos, pois se esgotam as palavras onde não há perenidade de conceito.

Enganam facilmente outros que também têm vista superficial; mas não a astúcia, que, como olha por dentro, os acha vazios, prontos para serem fábula dos discretos.

XLIX. Homem ajuizado e observador.

Ele se assenhoreia dos objetos, não os objetos dele. Logo sonda o fundo da maior profundidade; sabe fazer, com perfeição, a anatomia de um cabedal. Ao ver um personagem, compreende-o e o julga por essência. De raras observações, grande decifrador da interioridade mais recatada. Nota com agudeza, concebe com sutileza, infere com juízo: tudo descobre, adverte, alcança e compreende.

L. Nunca perder o respeito a si mesmo.

Nem se roçar consigo a sós. Seja sua própria inteireza norma de sua retidão, e deva mais à severidade de seu ditame que a todos os preceitos extrínsecos. Deixe de fazer o indecente mais pelo temor de sua prudência que pelo rigor da autoridade alheia. Chegue a temer-se, e não precisará do aio imaginário de Sêneca.

Aforismos LI-LXXV

LI. Homem de boa escolha.

O mais da vida se vive dela. Supõe bom gosto e retíssimo ditame, pois não bastam o estudo nem o engenho. Não há perfeição onde não há seleção; duas vantagens inclui: poder escolher, e escolher o melhor. Muitos de engenho fecundo e sutil, de juízo agudo, estudiosos e noticiosos também, ao chegar o momento de eleger, perdem-se: casam-se sempre com o pior, como se afetassem errar. Assim, este é um dos dons máximos do alto.

LII. Nunca descompor-se.

Grande assunto da prudência: nunca desbaratar-se. Isso acusa muito homem, de coração coroadado, pois toda magnanimidade é difícil de comover. As paixões são os humores do ânimo, e qualquer excesso nelas causa indisposição da prudência; se o mal sair à boca, perigará a reputação. Seja, pois, tão senhor de si e tão grande que, nem no mais próspero nem no mais adverso, possa alguém censurá-lo perturbado, mas sim admirá-lo superior.

LIII. Diligente e inteligente.

A diligência executa prontamente o que a inteligência pensa longamente. A pressa é paixão de néscios: como não descobrem o obstáculo, agem sem reparo. Ao contrário, os sábios costumam pecar de detidos, pois do advertir nasce o reparar. Às vezes a ineficácia da remissão malogra o acerto do ditame. A presteza é mãe da dita. Muito fez quem nada deixou para amanhã. Augusta empresa: correr devagar.

LIV. Ter brios com prudência.

Ao leão morto, até as lebres repuxam a juba. Não se brinca com o valor: se cede ao primeiro, também terá de ceder ao segundo, e assim até o último. A mesma dificuldade haverá de vencer mais tarde; teria valido mais vencê-la logo.

O brio do ânimo excede o do corpo: é como a espada, deve andar sempre embainhado em sua prudência, para a ocasião. É o resguardo da pessoa: mais danifica o descaimento do ânimo que o do corpo. Muitos tiveram prendas eminentes, mas, por lhes faltar esse alento do coração, pareceram mortos e acabaram sepultados no próprio abandono. Não sem providência juntou a natureza, na abelha, a doçura do mel ao picante do agulhão. Há nervos e ossos no corpo: não seja o ânimo todo brandura.

LV. Homem de espera.

Argui grande coração, com larguezas de sofrimento. Nunca se apressar nem se apaixonar. Seja alguém primeiro senhor de si, e depois o será dos outros. Deve-se caminhar pelos espaços do tempo até o centro da ocasião. A detenção prudente tempera os acertos e amadurece os segredos. A muleta do tempo opera mais que a acerada clava de Hércules. O próprio Deus não castiga com bastão, mas com sação. Grande dito: “O tempo e eu contra outros dois.” A própria fortuna premia o esperar com a grandeza do galardão.

LVI. Ter bons repentés.

Nascem de uma prontidão feliz. Para ela não há apertos nem acasos, em fé de sua vivacidade e desembaraço. Alguns pensam muito para depois errar tudo; outros acertam tudo sem tê-lo pensado antes. Há cabedais de antiparístase que, empenhados, agem melhor: costumam ser monstros que, de pronto, tudo acertam, e de pensado tudo erram. O que não lhes ocorre logo, nunca ocorrerá, nem há apelar para depois. São plausíveis os prestos, porque indicam capacidade prodigiosa: nos conceitos, sutileza; nas obras, prudência.

LVII. Mais seguros são os pensados.

Bastante depressa, se bem. O que logo se faz, logo se desfaz; mas o que há de durar uma eternidade deve tardar outra em fazer-se. Só se atende à perfeição, e apenas o acerto permanece. Entendimento com fundos alcança eternidades. O que muito vale, muito custa; até o mais precioso dos metais é o mais tardio e mais grave.

LVIII. Saber temperar-se.

Não se deve mostrar igualmente entendido com todos, nem empregar mais forças do que são necessárias. Não haja desperdícios, nem de saber, nem de valor. O bom falcoeiro não lança à presa mais ave de rapina do que precisa para caçá-la. Não esteja sempre em ostentação, pois no dia seguinte já não admirará. Sempre deve haver novidade com que luzir: quem a cada dia descobre mais mantém sempre a expectativa, e nunca chegam a descobrir-lhe os limites de seu grande cabedal.

LIX. Homem de bom desfecho.

Na casa da fortuna, se se entra pela porta do prazer, sai-se pela do pesar; e ao contrário. Atenção, pois, ao acabar, pondo mais cuidado na felicidade da saída que no aplauso da entrada. Desaire comum dos afortunados é terem princípios muito favoráveis e fins muito trágicos. O ponto não está no aplauso vulgar de uma entrada, pois essas todos as têm plausíveis; mas sim no sentimento geral de uma saída, pois raros são os desejados. Poucas vezes a dita acompanha os que saem: o que mostra de cumprida com os que vêm, mostra de descortês com os que vão.

LX. Bons ditames.

Alguns nascem prudentes: entram na sabedoria com essa vantagem da sindérese conatural, e assim têm metade do caminho andado para os acertos. Com a idade e a experiência, a razão acaba de amadurecer, e chegam a um juízo bem temperado. Abominam todo capricho como tentação da prudência, sobretudo em matérias de Estado, onde, pela suma importância, se requer segurança total. Merecem estes a assistência ao leme, seja para o exercício, seja para o conselho.

LXI. Eminência no melhor.

Uma grande singularidade entre a pluralidade de perfeições. Não pode haver herói que não tenha algum extremo sublime: as medianias não são assunto de aplauso. A eminência em emprego relevante tira alguém do ordinário vulgar e o levanta à categoria de raro. Ser eminente em profissão humilde é ser algo no pouco; o que tem mais de deleitável tem menos de glorioso. O excesso em matérias avantajadas é como caráter de soberania: solicita a admiração e concilia o afeto.

LXII. Agir com bons instrumentos.

Querem alguns que o extremo de sua sutileza campeie na ruindade dos instrumentos: perigosa satisfação, merecedora de castigo fatal. Nunca a bondade do ministro diminuiu a grandeza do patrono; antes, toda a glória dos acertos recai depois sobre a causa principal, assim como, ao contrário, o vitupério. A fama vai sempre com os primeiros. Nunca diz: “Aquele teve bons ou maus ministros”, mas: “Aquele foi bom ou mau artífice.” Haja, pois, escolha; haja exame, porque se lhes há de confiar uma imortalidade de reputação.

LXIII. Excelência de primeiro.

E, se com eminência, dobrada. Grande vantagem é jogar de mão: ganha em igualdade. Muitos teriam sido fênix nos empregos se outros não lhes houvessem ido à frente. Os primeiros levantam o morgado da fama, e aos segundos ficam alimentos litigiosos; por mais que suem, não podem purgar o achaque vulgar da imitação.

Sutileza de prodigiosos foi inventar rumo novo para as eminências, desde que primeiro a prudência assegure os empenhos. Com a novidade dos assuntos, os sábios fizeram lugar na matrícula dos heroicos. Alguns preferem ser primeiros na segunda categoria a ser segundos na primeira.

LXIV. Saber poupar-se pesares.

É prudência proveitosa economizar desgostos. A prudência evita muitos: é Lucina da felicidade, e por isso do contentamento. As notícias odiosas, não dá-las; menos ainda recebê-las. Devem ter vedadas as entradas, salvo a do remédio.

A uns gastam-se os ouvidos de ouvir muito doce em lisonjas; a outros, de escutar amargo em mexericos; e há quem não saiba viver sem algum dissabor cotidiano, como Mitrídates sem veneno. Tampouco é regra de conservar-se querendo dar a si mesmo um pesar de toda a vida para dar uma vez prazer a outro, ainda que seja o mais próximo. Nunca se deve pecar contra a própria dita para comprazer a quem aconselha e fica de fora. E, em todo acontecimento, sempre que se encontrarem fazer prazer a outro e fazer pesar a si mesmo, é lição de conveniência que vale mais o outro desgostar-se agora que tu depois, e sem remédio.

LXV. Gosto relevante.

Cabe cultura nele, assim como no engenho. Realça a excelência do entender o apetite do desejar, e depois a fruição do possuir. Conhece-se a altura de um cabedal pela elevação do afeto. Grande objeto é necessário para satisfazer grande capacidade; assim como grandes bocados são para grandes paladares, matérias sublimes são para gênios sublimes.

Os objetos mais valentes o temem, e as perfeições mais seguras desconfiam; poucas são as de primeira magnitude: seja raro o apreço. Pegam-se os gostos com o trato e herdam-se pela continuidade: grande sorte é comunicar com quem o tem em seu ponto. Mas não se deve fazer profissão de desagradar-se de tudo, que é um dos extremos néscios, mais odioso quando por afetação que por destempero. Alguns queriam que Deus criasse outro mundo e outras perfeições para satisfação de sua extravagante fantasia.

LXVI. Atenção a que as coisas saiam bem.

Alguns põem mais a mira no rigor da direção que na felicidade de conseguir o intento; mas pesa sempre mais o descrédito da infelicidade que o abono da diligência. Quem vence não precisa dar satisfações. A maioria não percebe a pontualidade das circunstâncias, mas apenas os bons ou maus sucessos; e assim nunca se perde reputação quando se consegue o intento. Um bom fim tudo doura, ainda que o desmintam os desacertos dos meios. Pois é arte ir contra a arte quando de outro modo não se pode conseguir a felicidade de sair-se bem.

LXVII. Preferir os empregos plausíveis.

A maior parte das coisas depende da satisfação alheia. A estima é para as perfeições o que o favônio é para as flores: alento e vida. Há empregos expostos à aclamação universal, e há outros, embora maiores, em nada expectáveis. Aqueles, por se fazerem à vista de todos, captam a benevolência comum; estes, embora tenham mais de raro e primoroso, ficam no segredo de sua imperceptibilidade: venerados, mas não aplaudidos.

Entre os príncipes, os vitoriosos são os celebrados; por isso os reis de Aragão foram tão plausíveis por guerreiros, conquistadores e magnânimos. Prefira o varão grande os empregos célebres, que todos percebam e de que todos participem, e fique imortalizado por sufrágios comuns.

LXVIII. Dar entendimento.

É de mais primor que dar memória, quanto mais é. Uma vez se há de recordar; outras, advertir. Alguns deixam de fazer as coisas que estariam em seu ponto porque não lhes ocorrem; ajude então a advertência amigável a conceber as conveniências. Uma das maiores vantagens da mente é ocorrer-lhe o que importa. Por falta disso deixam de fazer-se muitos acertos.

Dê luz quem a alcança, e solicite-a quem a mendiga: aquele com detenção, este com atenção; não seja mais que dar pé. É urgente essa sutileza quando toca em utilidade de quem desperta. Convém mostrar gosto e passar a mais quando não bastar. Já se tem o não; vá-se em busca do sim com destreza, pois as mais das vezes não se consegue porque não se tenta.

LXIX. Não render-se a um humor vulgar.

Grande homem é aquele que nunca se sujeita a impressões estranhas. É lição de advertência a reflexão sobre si: conhecer a disposição atual e preveni-la, e até inclinar-se ao outro extremo para achar, entre o natural e a arte, o fiel da sindérese.

Princípio de corrigir-se é conhecer-se. Há monstros da impertinência: estão sempre de algum humor e variam os afetos com ele; arrastados eternamente por essa destemperança civil, contraditoriamente se empenham. E esse excesso não gasta apenas a vontade; atreve-se também ao juízo, alterando o querer e o entender.

LXX. Saber negar.

Nem tudo se há de conceder, nem a todos. Importa tanto quanto saber conceder, e nos que mandam é atenção urgente. Aqui entra o modo: mais se estima o não de alguns que o sim de outros, porque um não dourado satisfaz mais que um sim seco.

Há muitos que sempre têm o não na boca, com que tudo desazonam. O não é sempre o primeiro neles; e, embora depois venham a conceder tudo, não se lhes estima, porque precedeu aquele primeiro desgosto. Não se devem negar as coisas de repente: vá o desengano a goles. Nem se deve negar de todo, pois seria enganar a dependência. Fiquem sempre algumas relíquias de esperança para temperar o amargo do negar. Encha a cortesia o vazio do favor, e supram as boas palavras a falta das obras. O não e o sim são breves de dizer e pedem muito pensar.

LXXI. Não ser desigual, de proceder anômalo.

Nem por natureza, nem por afetação. O varão prudente foi sempre o mesmo em tudo o que é perfeito, e isso é crédito de entendido. Dependia sua mudança da mudança das causas e dos méritos. Em matéria de prudência, a variedade é feia.

Há alguns que cada dia são outros de si mesmos; até o entendimento têm desigual, quanto mais a vontade, e ainda a ventura. Quem ontem foi o branco de seu sim, hoje é o negro de seu não, desmentindo sempre seu próprio crédito e deslumbrando o conceito alheio.

LXXII. Homem de resolução.

Menos danosa é a má execução que a irresolução. Não se gastam tanto as matérias quando correm quanto quando estancam. Há homens indetermináveis, que precisam de premovimento alheio em tudo; e às vezes isso não nasce tanto da perplexidade do juízo, pois o têm perspicaz, quanto da ineficácia. Engenhoso costuma ser dificultar; mais engenhoso é achar saída para os inconvenientes.

Há outros que em nada se embaraçam, de juízo grande e determinado. Nasceram para sublimes empregos, porque sua compreensão desembaraçada facilita o acerto e o despacho: tudo encontram já feito. Depois de haver dado razão a um mundo, ainda restou tempo a um desses para outro; e, quando estão afiançados de sua dita, empenham-se com mais segurança.

LXXIII. Saber usar o deslize.

É o desempenho dos prudentes. Com a galanteria de um dito espirituoso costumam sair do mais intrincado labirinto. Furta-se o corpo airosamente, com um sorriso, à mais dificultosa contenda. Nisso fundava seu valor o maior dos grandes capitães. Cortês artimanha do negar: mudar o verbo. E não há maior atenção que não se dar por entendido.

LXXIV. Não ser intratável.

No mais povoado estão as verdadeiras feras. A inacessibilidade é vício de desconhecidos de si, que mudam os humores com as honras. Não é meio apropriado para a estima começar enfadando. Que espetáculo é ver um desses monstros intratáveis, sempre no ponto de sua ferocidade impertinente! Entram os dependentes a falar-lhes por sua desdita, como quem vai lutar com tigres, tão armados de tato quanto de receio.

Para subir ao posto agradaram a todos; estando nele, querem desquitar-se enfadando todos. Devendo ser de muitos pelo emprego, são de ninguém por sua aspereza ou entono. Castigo cortesão para estes: deixá-los estar, furtando-lhes a prudência com o trato.

LXXV. Escolher ideia heroica.

Mais para a emulação que para a imitação. Há exemplares de grandeza, textos animados da reputação. Proponha-se cada um, em seu emprego, os primeiros, não tanto para segui-los quanto para ultrapassá-los. Alexandre chorou não por Aquiles sepultado, mas por si mesmo, ainda não bem nascido para o brilho. Não há coisa que tanto solicite ambições no ânimo como o clarim da fama alheia: o mesmo que aterra a inveja alenta a generosidade.

Aforismos LXXVI-C

LXXVI. Não estar sempre de brincadeiras.

Conhece-se a prudência no sério, que está mais acreditado que o engenhoso. Quem está sempre de brincadeiras nunca é homem de verdade. Igualamo-lo aos mentirosos em não lhe dar crédito: a uns por receio de mentira, a outros por receio de motejo. Nunca se sabe quando falam com juízo, o que é quase o mesmo que não tê-lo. Não há maior desaire que a graça contínua. Alguns ganham fama de espirituosos e perdem o crédito de prudentes. Seu momento deve ter o jovial; todos os demais, o sério.

LXXVII. Saber fazer-se a todos.

Discreto Proteu: com o douto, douto; com o santo, santo. Grande arte para ganhar a todos, porque a semelhança concilia benevolência. Observar os gênios e temperar-se ao de cada um; ao sério e ao jovial, seguir-lhes a corrente, fazendo política transformação: urgente aos que dependem. Essa grande sutileza do viver requer grande cabedal; é menos dificultosa ao varão universal, de engenho em notícias e de gênio em gostos.

LXXVIII. Arte no intentar.

A necedade sempre entra de repente, pois todos os néscios são audazes. Sua própria simplicidade, que primeiro lhes impede a advertência para os reparos, depois lhes tira o sentimento para os desaires. A prudência, ao contrário, entra com grande tato. Seus batedores são a advertência e o recato; eles vão descobrindo para proceder sem perigo.

Todo arrojo é condenado pela discrição ao precipício, embora às vezes a ventura o absolva. Convém ir detido onde se teme muito fundo: vá tentando a sagacidade e ganhando terreno a prudência. Há hoje grandes baixios no trato humano; convém ir sempre lançando a sonda.

LXXIX. Gênio genial.

Se com temperança, é prenda, não defeito. Um grão de graça tudo tempera. Os maiores homens também jogam a peça do donaire, que concilia a graça universal; mas sempre guardando os ares da prudência e fazendo salva ao decoro. Outros fazem de uma graça atalho para o desempenho, pois há coisas que se devem tomar de brincadeira, às vezes justamente aquelas que o outro toma mais a sério. Indica apazibilidade, gancho de corações.

LXXX. Atenção ao informar-se.

Vive-se, em grande parte, de informação. É pouco o que vemos; vivemos da fé alheia. O ouvido é a segunda porta da verdade e a principal da mentira. A verdade ordinariamente se vê; extraordinariamente se ouve. Raras vezes chega em seu elemento puro, menos ainda quando vem de longe; sempre traz algo de mistura dos afetos por onde passa. A paixão tinge com suas cores tudo o que toca, ora odiosa, ora favorável.

Ela tende sempre a impressionar: grande cuidado com quem louva, maior com quem vitupera. É preciso toda a atenção nesse ponto para descobrir a intenção naquele que intermedeia, conhecendo de antemão de que pé se moveu. Sirva a reflexão de contraste ao que falta e ao que é falso.

LXXXI. Usar o renovar de seu brilho.

É privilégio de fênix. Costuma envelhecer a excelência, e com ela a fama. O costume diminui a admiração, e uma mediana novidade costuma vencer a maior eminência envelhecida. Use-se, pois, do renascer no valor, no engenho, na dita, em tudo: empenhar-se com novidades de bizarria, amanhecendo muitas vezes como o sol, variando os teatros do brilho, para que num lugar a privação, e em outro a novidade, solicitem aqui o aplauso, ali o desejo.

LXXXII. Nunca espremer, nem o mal, nem o bem.

À moderação em tudo reduziu toda a sabedoria um sábio. O direito extremo faz-se torto, e a laranja muito espremida acaba por dar o amargo. Mesmo na fruição, nunca se deve chegar aos extremos. O próprio engenho se esgota se for espremido; e tirará sangue por leite quem explorar à tirania.

LXXXIII. Permitir-se algum deslize venial.

Um descuido costuma ser, às vezes, a maior recomendação das prendas. A inveja tem seu ostracismo, tanto mais civil quanto mais criminoso. Acusa o muito perfeito de pecar por não pecar; e, por perfeito em tudo, condena-o todo. Faz-se Argos ao buscar faltas no muito bom, ao menos para consolo. A censura fere, como o raio, os realces mais elevados.

Durma, pois, alguma vez Homero, e afete algum descuido no engenho ou no valor, mas nunca na prudência, para sossegar a malevolência, para que não rebente peçonhenta. Será como lançar a capa ao touro da inveja para salvar a imortalidade.

LXXXIV. Saber usar os inimigos.

Todas as coisas se devem saber tomar não pelo corte, que ofende, mas pelo punho, que defende; muito mais a emulação. Ao varão sábio aproveitam mais seus inimigos que ao néscio seus amigos. Uma malevolência costuma aplinar montanhas de

dificuldade que o favor desconfiaria de empreender. A muitos, seus malévolos fabricaram grandeza.

Mais feroz é a lisonja que o ódio, pois este remedia eficazmente as manchas que aquela dissimula. O prudente faz da ojeriza um espelho, mais fiel que o da afeição, e previne contra a detração os defeitos, ou os emenda. Grande é o recato quando se vive na fronteira de uma emulação, de uma malevolência.

LXXXV. Não ser carta sempre jogada.

É achaque de todo o excelente que seu muito uso venha a ser abuso. O próprio fato de todos o cobiçarem acaba por enfadar a todos. Grande infelicidade é não servir para nada; não menor é querer servir para tudo. Estes vêm a perder por muito ganhar, e depois são tão aborrecidos quanto antes foram desejados.

Desgastam-se essas cartas em todo gênero de perfeições: perdendo aquela primeira estima de raras, conquistam o desprezo de vulgares. O único remédio de todo extremo é guardar meio no brilho: a demasia deve estar na perfeição, e a temperança na ostentação. Quanto mais uma tocha luz, mais se consome e menos dura. Escassezes de aparência são premiadas com ganhos de estima.

LXXXVI. Prevenir as más vozes.

O vulgo tem muitas cabeças, e assim muitos olhos para a malícia e muitas línguas para o descrédito. Acontece correr nele alguma má voz que desdoura o maior crédito; e, se chegar a ser apelido vulgar, acabará com a reputação. Dá-se-lhe pé comumente por algum desaire saliente, por defeitos ridículos que são matéria plausível para suas falas, embora haja desdouros lançados da emulação particular à malícia comum.

Há bocas da malevolência, e arruinam mais depressa uma grande fama com um chiste que com um descaramento. É muito fácil adquirir fama sinistra, porque o mau é muito crível e custa muito apagá-lo. Evite, pois, o varão prudente esses desaires, contrastando com sua atenção a insolência vulgar: é mais fácil prevenir que remediar.

LXXXVII. Cultura e apuro.

Nasce bárbaro o homem; redime-se de besta cultivando-se. A cultura faz pessoas, e tanto mais quanto maior. Por ela pôde a Grécia chamar bárbaro a todo o restante universo. A ignorância é muito tosca; nada cultiva mais que o saber. Mas até a própria sabedoria seria grosseira se desarrumada. Não deve ser apurado apenas o entender, mas também o querer, e mais ainda o conversar.

Encontram-se homens naturalmente apurados, de gala interior e exterior, no conceito e nas palavras, nos arreios do corpo, que são como a casca, e nas prendas da alma, que são o fruto. Outros há, ao contrário, tão grosseiros que todas as suas coisas,

e às vezes suas eminências, desluciram-se com um intolerável bárbaro desasseio.

LXXXVIII. Seja o trato por alto, procurando nele a sublimidade.

O varão grande não deve ser miúdo em seu proceder. Nunca se deve individualizar demais as coisas, menos ainda as de pouco gosto; porque, embora seja vantagem notar tudo de passagem, não o é querer averiguar tudo de propósito. Deve-se proceder ordinariamente com uma fidalga generalidade, ramo de galanteria. Grande parte do reger está em dissimular.

Deve-se dar passagem à maior parte das coisas, entre familiares, entre amigos, e mais ainda entre inimigos. Toda ninharia é enfadonha, e, na condição, pesada. Ir e voltar sobre um desgosto é espécie de mania; e comumente tal será o modo de portar-se de cada um, qual for seu coração e sua capacidade.

LXXXIX. Compreensão de si.

No gênio, no engenho; nos ditames, nos afetos. Ninguém pode ser senhor de si se primeiro não se compreende. Há espelhos para o rosto; não os há para o ânimo: seja-o a discreta reflexão sobre si. E, quando se esquecer da imagem exterior, conserve a interior, para emendá-la, para melhorá-la. Conheça as forças de sua prudência e sutileza para empreender; tateie a irascível para empenhar-se. Tenha medido seu fundo e pesado seu cabedal para tudo.

XC. Arte para viver muito: viver bem.

Duas coisas acabam depressa com a vida: a needade ou a ruindade. Uns a perderam por não saber guardá-la; outros, por não querer. Assim como a virtude é prêmio de si mesma, o vício é castigo de si mesmo. Quem vive depressa no vício acaba cedo de duas maneiras; quem vive depressa na virtude nunca morre. Comunica-se a inteireza do ânimo ao corpo, e não se tem por longa a vida boa apenas na intensão, mas também na extensão.

XCI. Agir sempre sem escrúpulos de imprudência.

A suspeita de desacerto em quem executa já é evidência em quem olha, sobretudo se for rival. Se, ainda no calor da paixão, o ditame escrupuliza, depois, desapassionado, condenará como needade declarada. São perigosas as ações em dúvida de prudência; mais segura seria a omissão. A prudência não admite probabilidades: caminha sempre ao meio-dia da luz da razão.

Como pode sair bem uma empresa que, ainda concebida, já está sendo condenada pelo receio? E se a resolução mais graduada, com o nemine discrepante interior, costuma sair infelizmente, que se pode esperar daquela que começou titubeando na

razão e mal-agourada pelo ditame?

XCII. Senso transcendental.

Digo: em tudo. É a primeira e suma regra do agir e do falar, tanto mais exigida quanto maiores e mais altos os empregos. Mais vale um grão de prudência que arrobas de sutileza. É caminhar pelo seguro, embora não tão pelo plausível; ainda assim, a reputação de prudente é o triunfo da fama. Bastará satisfazer aos prudentes, cujo voto é a pedra de toque dos acertos.

XCIII. Homem universal.

Composto de toda perfeição, vale por muitos. Faz felicíssimo o viver, comunicando essa fruição à familiaridade. A variedade com perfeição é entretenimento da vida. Grande arte é saber aproveitar tudo o que é bom; e, pois a natureza fez do homem um compêndio de todo o natural por sua eminência, faça dele a arte um universo por exercício e cultura do gosto e do entendimento.

XCIV. Incompreensibilidade de cabedal.

Evite o varão atento que lhe sondem o fundo, seja no saber, seja no valor, se quer que todos o venerem. Permita-se ao conhecimento, não à compreensão. Ninguém lhe averigue os limites da capacidade, pelo perigo evidente do desengano. Nunca dê lugar a que alguém o alcance todo: maiores efeitos de veneração causa a opinião e a dúvida de até onde chega o cabedal de cada um do que a evidência dele, por grande que seja.

XCV. Saber entreter a expectativa.

Ir sempre cevando-a. Prometa mais o muito, e seja a melhor ação lance de outras maiores. Não se deve lançar todo o resto no primeiro lance: grande artimanha é saber temperar-se nas forças, no saber, e ir adiantando o desempenho.

XCVI. Da grande sindérese.

É o trono da razão, base da prudência; por ela custa pouco acertar. É sorte do céu, e a mais desejada por primeira e por melhor: a primeira peça da armadura, de tal urgência que nenhuma outra, ao faltar a um homem, o denomina falto; nota-se mais sua ausência. Todas as ações da vida dependem de sua influência, e todas solicitam sua qualificação, pois tudo há de ser com senso. Consiste numa propensão conatural a tudo o que é mais conforme à razão, casando-se sempre com o mais acertado.

XCVII. Conseguir e conservar a reputação.

É o usufruto da fama. Custa muito, porque nasce das eminências, que são tão raras quanto comuns as medianias. Conseguida, conserva-se com facilidade. Obriga muito

e opera mais. É espécie de majestade quando chega a ser veneração, pela sublimidade de sua causa e de sua esfera; mas a reputação substancial é a que sempre valeu.

XCVIII. Cifrar a vontade.

As paixões são os portilhos do ânimo. O saber mais prático consiste em dissimular; corre risco de perder quem joga a jogo descoberto. Compita a detenção do recatado com a atenção do advertido: para lances de discurso, sépias de interioridade. Não se lhe saiba o gosto, para que não o previnam: uns para a contradição, outros para a lisonja.

XCIX. Realidade e aparência.

As coisas não passam pelo que são, mas pelo que parecem. Raros são os que olham por dentro, e muitos os que se pagam do aparente. Não basta ter razão com cara de malícia.

C. Varão desenganado.

Cristão sábio, cortesão filósofo. Mas não parecer isso, menos ainda afetá-lo. Está desacreditado o filosofar, embora seja o maior exercício dos sábios. Vive desautorizada a ciência dos prudentes. Sêneca a introduziu em Roma; conservou-se por algum tempo cortesã; já é tida por impertinência. Mas sempre o desengano foi pasto da prudência, delícias da inteireza.

Aforismos CI-CXXV

CI. Metade do mundo ri da outra metade, com needade de todos.

Ou tudo é bom, ou tudo é mau, conforme os votos. O que este segue, aquele persegue. Insuportável néscio é quem quer regular todo objeto por seu conceito. As perfeições não dependem de um só agrado: tantos são os gostos como os rostos, e tão variados. Não há defeito sem afeto; nem se deve desconfiar porque as coisas não agradam a alguns, pois não faltarão outros que as apreciem. Nem mesmo o aplauso destes seja matéria de desvanecimento, pois outros o condenarão.

A norma da verdadeira satisfação é a aprovação dos varões de reputação e que têm voto naquela ordem de coisas. Não se vive de um só voto, nem de um só uso, nem de um só século.

CII. Estômago para grandes bocados da fortuna.

No corpo da prudência, não é a parte menos importante um grande bucho, pois de grandes partes se compõe uma grande capacidade. Não se embaraça com as boas ditas quem merece outras maiores; o que é fartura em uns é fome em outros.

Há muitos a quem qualquer manjar muito importante se estraga pela curteza do natural, não acostumado nem nascido para empregos tão sublimes. Azeda-se-lhes o trato, e, com os fumos que se levantam da honra postiça, vem a desvanecer-se-lhes a cabeça. Correm grande perigo nos lugares altos, e não cabem em si porque a sorte não cabe neles. Mostre, pois, o varão grande que ainda lhe restam larguezas para coisas maiores, e fuja com especial cuidado de tudo o que possa dar indício de coração estreito.

CIII. Cada um, a majestade em seu modo.

Sejam todas as ações, se não de rei, dignas de tal segundo sua esfera; o proceder real, dentro dos limites de sua sorte prudente: sublimidade de ações, elevação de pensamentos. Em todas as suas coisas represente um rei por méritos, quando não por realidade, pois a verdadeira soberania consiste na inteireza dos costumes. Nada terá a invejar à grandeza quem puder ser norma dela.

Especialmente aos chegados ao trono deve pegar-se algo da verdadeira superioridade: participem antes das prendas da majestade que das cerimônias da vaidade, sem afetar o imperfeito da inchação, mas sim o realçado da substância.

CIV. Ter tomado o pulso aos empregos.

Há variedade neles: conhecimento magistral, e que necessita advertência. Uns pedem valor; outros, sutileza. São mais fáceis de manejar os que dependem da retidão, e mais difíceis os que dependem do artifício. Com um bom natural não é necessário mais para aqueles; para estes não basta toda a atenção e desvelo.

Trabalhosa ocupação é governar homens, e mais ainda loucos ou néscios: dobrado senso é preciso para quem não o tem. Emprego intolerável é o que pede um homem inteiro, de horas contadas e matéria certa; melhores são os livres de fastio, juntando a variedade com a gravidade, porque a alternância refresca o gosto. Os mais autorizados são os que têm menos dependência, ou mais distante; e o pior é aquele que no fim faz suar na residência humana, e mais ainda na divina.

CV. Não cansar.

Costuma ser pesado o homem de um só negócio, e o de uma só palavra. A brevidade é lisonjeira, e mais negociadora: ganha pelo cortês o que perde pelo curto. O bom, se breve, duas vezes bom; e até o mau, se pouco, não tão mau. Mais operam quintas-essências que farragens; e é verdade comum que homem longo raras vezes é entendido, não tanto no material da disposição quanto no formal do discurso.

Há homens que servem mais de embaraço que de adorno ao universo, alfaias perdidas que todos afastam. Evite o discreto embaraçar, e muito menos a grandes personagens, que vivem muito ocupados; seria pior desazonar um deles que todo o restante do mundo. O bem dito diz-se depressa.

CVI. Não afetar a fortuna.

Mais ofende ostentar a dignidade que a pessoa. Fazer-se de grande é odioso; bastava-lhe ser invejado. A estima se consegue tanto menos quanto mais se busca; depende do respeito alheio, e assim ninguém pode tomá-la para si, mas merecê-la dos outros e aguardá-la. Os grandes empregos pedem autoridade ajustada a seu exercício, sem a qual não podem ser exercidos dignamente.

Conserve a autoridade que merece para cumprir o substancial de suas obrigações: não a esprema, ajude-a. Todos os que fazem do fazendeiro no emprego dão indício de que não o mereciam, e de que a dignidade lhes veio sobreposta. Se houver de valer-se, seja antes do eminente de suas prendas que do adventício; pois até um rei deve ser venerado mais pela soberania pessoal que pela extrínseca.

CVII. Não mostrar satisfação de si.

Viva nem descontente, que é pequenez, nem satisfeito, que é needade. Nasce a satisfação, na maioria, da ignorância, e para numa felicidade néscia que, embora entretenha o gosto, não mantém o crédito. Como não alcança as perfeições superlativas nos outros, paga-se de qualquer vulgar mediania em si.

Sempre foi útil, além de prudente, o receio: ou para prevenção de que as coisas saiam bem, ou para consolo quando saírem mal, pois não se faz novo o desaire da sorte a quem já o temia. O próprio Homero dormita às vezes, e Alexandre cai de seu estado e de seu engano. As coisas dependem de muitas circunstâncias; e a que triunfou num posto e numa ocasião, em outra se malogra. Mas a incorregibilidade do néscio está em que a mais vã satisfação se converteu em flor, e sua semente vai brotando sempre.

CVIII. Atalho para ser pessoa: saber ladear-se.

É muito eficaz o trato. Comunicam-se os costumes e os gostos. Pega-se o gênio, e até o engenho, sem sentir. Procure, pois, o pronto juntar-se ao comedido; e assim nos demais gênios: com este conseguirá a temperança sem violência. É grande destreza saber temperar-se.

A alternância de contrariedades embeleza o universo e o sustenta; e, se causa harmonia no natural, maior ainda no moral. Valha-se dessa advertência política na escolha de familiares e auxiliares, pois com a comunicação dos extremos se ajustará um meio muito discreto.

CIX. Não ser acriminador.

Há homens de gênio feroz que tudo fazem delito, e não por paixão, mas por natureza. A todos condenam: a uns porque fizeram, a outros porque farão. Indicam ânimo pior que cruel, que é vil, e acriminam com tal exageração que dos átomos fazem vigas para arrancar olhos. São feitores em todo posto, fazendo galera do que seria Elísio; e, se medeia a paixão, de tudo fazem extremos. Ao contrário, a ingenuidade para tudo acha saída, se não por intenção, por inadvertência.

CX. Não esperar ser sol que se põe.

Máxima dos prudentes é deixar as coisas antes que elas os deixem. Saiba alguém fazer triunfo do próprio fenecer; pois às vezes o próprio sol, no bom luzir, costuma retirar-se a uma nuvem para que não o vejam cair, e deixa em suspensão se se pôs ou não.

Furte o corpo aos ocasos para não rebentar de desaires. Não espere que lhe voltem as costas, pois o sepultarão vivo para o sentimento e morto para a estima. O advertido jubila com tempo o cavalo corredor, e não espera que, caindo, levante riso em meio à carreira. Rompa a beleza o espelho com tempo e astúcia, não depois, por impaciência, ao ver seu desengano.

CXI. Ter amigos.

É o segundo ser. Todo amigo é bom e sábio para o amigo. Entre eles tudo sai bem. Tanto valerá alguém quanto os demais quiserem; e, para que queiram, deve-se ganhar-lhes a boca pelo coração. Não há feitiço como o bom serviço, e, para ganhar amizades, o melhor meio é fazê-las.

Depende dos outros a maior e melhor parte do que temos. Deve-se viver com amigos ou com inimigos. A cada dia se há de diligenciar um, ainda que não para íntimo, ao menos para afeiçoado; alguns ficam depois para confidentes, passando pelo acerto da escolha.

CXII. Ganhar a pia afeição.

Até a primeira e suma causa, em seus maiores assuntos, a previne e a dispõe. Entra-se pelo afeto ao conceito. Alguns confiam tanto no valor que desestimam a diligência; mas a atenção sabe bem que é grande o rodeio dos méritos sozinhos, se não se ajudam do favor.

Tudo facilita e supre a benevolência. Nem sempre supõe as prendas: muitas vezes as põe, como o valor, a inteireza, a sabedoria, até a discrição. Nunca vê as fealdades, porque não as quereria ver. Nasce ordinariamente da correspondência material em gênio, nação, parentesco, pátria e emprego. A formal é mais sublime, em prendas, obrigações, reputação, méritos. Toda a dificuldade está em ganhá-la, pois com facilidade se conserva. Pode-se diligenciá-la e saber valer-se dela.

CXIII. Prevenir-se na fortuna próspera para a adversa.

É bom árbitrio fazer no estio a provisão para o inverno, e com mais comodidade. Nessa época são baratos os favores, há abundância de amizades. Bom é conservar para o mau tempo, pois a adversidade é cara e falta de tudo. Haja reserva de amigos e agradecidos, pois algum dia se dará apreço ao que agora não se faz caso. A vilania nunca tem amigos: na prosperidade porque os desconhece, na adversidade porque a desconhecem.

CXIV. Nunca competir.

Toda pretensão com oposição danifica o crédito. A competência tende logo a desdourar, para deslucir. São poucos os que fazem boa guerra; a emulação descobre os defeitos que a cortesia esqueceu. Muitos viveram acreditados enquanto não tiveram rivais.

O calor da contrariedade aviva ou ressuscita as infâmias mortas, desenterra fedores passados e antepassados. Começa-se a competição com manifesto de desdouros, ajudando-se de quanto pode e não deve; e, embora às vezes, e na maioria delas, as ofensas não sejam armas de proveito, a vingança faz delas vil satisfação, e as sacode com tal ar que faz saltar dos desaires o pó do esquecimento. Sempre foi

pacífica a benevolência, e benévola a reputação.

CXV. Fazer-se às más condições dos familiares.

Assim como aos maus rostos: é conveniência onde entra dependência. Há gênios ferozes com os quais não se pode viver, nem sem os quais se pode viver. É, pois, destreza ir-se acostumando, como à fealdade, para que não se façam novos na terribilidade da ocasião. A primeira vez espantam, mas pouco a pouco perde-se aquele primeiro horror, e a reflexão previne ou tolera os desgostos.

CXVI. Tratar sempre com gente de obrigações.

Pode-se empenhar com eles, e empenhá-los. Sua própria obrigação é a maior fiança de seu trato, até para baralhar, pois agem como quem são. Vale mais pelejar com gente de bem que triunfar sobre gente ruim. Não há bom trato com a ruindade, porque ela não se acha obrigada à inteireza. Por isso entre ruins nunca há verdadeira amizade, nem é de boa lei a fineza, embora o pareça, porque não é em fé da honra. Renegue sempre de homem sem ela, pois quem não a estima não estima a virtude; e a honra é o trono da inteireza.

CXVII. Nunca falar de si.

Ou se há de louvar, que é desvanecimento, ou se há de vituperar, que é pequenez. E, sendo culpa de prudência em quem fala, é pena para quem ouve. Se isso deve ser evitado na familiaridade, muito mais em postos sublimes, onde se fala em comum e qualquer aparência de needade já passa por needade. O mesmo inconveniente de prudência há em falar dos presentes, pelo perigo de cair em um de dois escolhos: lisonja ou vitupério.

CXVIII. Cobrar fama de cortês.

Basta para tornar alguém plausível. A cortesia é a principal parte da cultura, espécie de feitiço; assim concilia a graça de todos, como a descortesia o desprezo e o enfado universal. Se esta nasce de soberba, é aborrecível; se de grosseria, desprezível. A cortesia sempre deve ser mais que menos, mas não igual para todos, pois degeneraria em injustiça. Tem-se por dívida até entre inimigos, para que se veja seu valor. Custa pouco e vale muito: todo honrador é honrado. Galanteria e honra têm esta vantagem: ficam; aquela em quem a usa, esta em quem a faz.

CXIX. Não se fazer malquerer.

Não se deve provocar a aversão, pois até sem querê-lo ela se adianta. Muitos há que aborrecem de graça, sem saber como nem por quê. A malevolência se antecipa à obrigação. É mais eficaz e pronta para o dano a irascível que a concupiscível para o

proveito.

Alguns afetam ficar mal com todos, por gênio enfadonho ou enfadado; e, se uma vez o ódio se apodera, é difícil de apagar, como o mau conceito. Aos homens ajuizados temem; aos maldizentes aborrecem; aos presumidos enjoam; aos zombadores abominam; aos singulares deixam. Mostre, pois, estimar para ser estimado; e quem quer fazer casa, faz caso.

CXX. Viver ao prático.

Até o saber deve ser ao uso; e, onde não se usa, é preciso saber fazer-se de ignorante. Mudam-se com os tempos o discorrer e o gostar: não se deve discorrer à antiga, e deve-se gostar à moderna. O gosto das cabeças dá voto em cada ordem de coisas. Esse se há de seguir por então, e adiantar-se à eminência.

Acomode-se o prudente ao presente, ainda que lhe pareça melhor o passado, tanto nos arreios da alma quanto nos do corpo. Só na bondade não vale esta regra de viver, pois sempre se há de praticar a virtude. Já se desconhece, e parece coisa de outros tempos, dizer a verdade, guardar a palavra; e os varões bons parecem feitos ao bom tempo, mas sempre amados. De sorte que, se alguns há, não se usam nem se imitam. Oh, grande infelicidade de nosso século, que se tenha a virtude por estranha e a malícia por corrente! Viva o discreto como pode, se não como quereria. Tenha por melhor o que lhe concedeu a sorte que aquilo que lhe negou.

CXXI. Não fazer negócio do não negócio.

Assim como alguns fazem de tudo conto, outros fazem de tudo negócio: sempre falam de importância, tudo tomam a sério, reduzindo tudo a pendência e mistério. Poucas coisas de enfado se devem tomar de propósito, pois isso seria empenhar-se sem empenho. É trocar os pontos tomar a peito o que se deve lançar às costas.

Muitas coisas que eram algo, deixando-as, foram nada; e outras que eram nada, por se fazer caso delas, foram muito. No princípio é fácil dar fim a tudo; depois, não. Muitas vezes o próprio remédio faz a doença; e não é a pior regra do viver deixar estar.

CXXII. Senhorio no dizer e no fazer.

Abre muito lugar em toda parte e ganha de antemão o respeito. Influi em tudo: no conversar, no orar, até no caminhar; e ainda no olhar, no querer. É grande vitória tomar os corações. Não nasce de uma néscia intrepidez, nem de entretenimento enfadonho, mas de uma decente autoridade nascida do gênio superior e ajudada pelos méritos.

CXXIII. Homem desafetado.

Quanto mais prendas, menos afetação, que costuma ser desdouro vulgar de todas. É tão enfadonha aos demais quanto penosa para quem a sustenta, porque vive mártir do cuidado e se atormenta com a pontualidade. As próprias eminências perdem seu mérito com ela, pois são julgadas nascidas antes da violência artificiosa que da livre natureza; e tudo o que é natural foi sempre mais grato que o artificial.

Os afetados são tidos por estrangeiros naquilo que afetam. Quanto melhor se faz uma coisa, mais se deve desmentir a indústria, para que se veja que a perfeição cai de seu natural. Nem, por fugir da afetação, se deve cair nela afetando não afetar. Nunca o discreto deve dar-se por entendido de seus méritos, pois o próprio descuido desperta nos outros a atenção. Duas vezes é eminente quem encerra todas as perfeições em si e nenhuma em sua estima; e por caminho contrário chega ao termo da plausibilidade.

CXXIV. Chegar a ser desejado.

Poucos chegaram a tanta graça das gentes; e, se dos prudentes, felicidade. É ordinária a tibieza com os que acabam. Há modos de merecer esse prêmio de afeição: a eminência no emprego e nas prendas é segura; o agrado, eficaz. Faz-se dependência da eminência, de modo que se note que o cargo precisou dele, e não ele do cargo. Uns honram os postos; a outros, os postos honram. Não é vantagem que pareça bom porque sucedeu a um mau, pois isso não é ser desejado absolutamente, mas ser o outro aborrecido.

CXXV. Não ser livro verde.

Sinal de ter gasta a própria fama é cuidar da infâmia alheia. Alguns queriam, com as manchas dos outros, dissimular, se não lavar, as suas; ou se consolam, que é consolo de néscios. Cheira-lhes mal a boca, pois são os esgotos das imundícies civis.

Nessas matérias, quem mais escarva, mais se enlameia. Poucos escapam de algum achaque original, direto ou atravessado. Não são conhecidas as faltas dos pouco conhecidos. Fuja o atento de ser registro de infâmias, pois isso é ser um padrão aborrecido e, embora vivo, desalmado.

Aforismos CXXVI-CL

CXXVI. Não é néscio quem faz a needade, mas quem, feita, não a sabe encobrir.

Devem-se selar os afetos; quanto mais os defeitos. Todos os homens erram, mas com esta diferença: os sagazes desmentem as feitas, e os néscios mentem as por fazer. Consiste o crédito no recato, mais que no fato; se alguém não é casto, seja cauto.

Os descuidos dos grandes homens são mais observados, como eclipses das maiores luminárias. Seja exceção da amizade não lhe confiar os defeitos; nem mesmo, se possível fosse, à própria identidade. Mas pode-se valer aqui daquela outra regra do viver, que é saber esquecer.

CXXVII. O desembaraço em tudo.

É vida das prendas, alento do dizer, alma do fazer, realce dos próprios realces. As demais perfeições são ornato da natureza; o desembaraço é ornato das próprias perfeições. Até no discorrer se celebra. Tem de privilégio a maior parte, deve ao estudo a menor, pois é superior até à disciplina. Passa da facilidade e adianta-se à bizzarria; supõe desprendimento e acrescenta perfeição. Sem ele, toda beleza é morta, e toda graça, desgraça. É transcendental ao valor, à discricção, à prudência, à própria majestade. É atalho político no despacho e culto modo de sair de todo empenho.

CXXVIII. Alteza de ânimo.

É um dos principais requisitos para o herói, porque inflama todo gênero de grandeza. Realça o gosto, engrandece o coração, eleva o pensamento, enobrece a condição e dispõe a majestade. Onde quer que se encontre, destaca-se; e às vezes, desmentida pela inveja da sorte, rebenta para campeiar. Alarga-se na vontade, ainda que na possibilidade seja violentada. Reconhecem-na por fonte a magnanimidade, a generosidade e toda prenda heroica.

CXXIX. Nunca queixar-se.

A queixa sempre traz descrédito. Serve mais de exemplo de atrevimento à paixão que de consolo à compaixão. Abre passagem a quem a ouve para fazer o mesmo, e a notícia do agravo do primeiro é desculpa para o segundo. Alguns dão pé, com suas queixas das ofensas passadas, às futuras; e, pretendendo remédio ou consolo, solicitam a complacência, e até o desprezo.

Melhor política é celebrar obrigações de uns para que sejam empenhos de outros; repetir favores dos ausentes é solicitar os dos presentes, vender crédito de uns a outros. O varão atento nunca publique desaires nem defeitos, mas sim estimações,

que servem para ter amigos e conter inimigos.

CXXX. Fazer e fazer parecer.

As coisas não passam pelo que são, mas pelo que parecem. Valer e saber mostrá-lo é valer duas vezes. O que não se vê é como se não fosse. A própria razão não tem veneração onde não tem rosto de tal. São muitos mais os enganados que os advertidos: prevalece o engano, e julgam-se as coisas por fora. Há coisas que são muito outras do que parecem. A boa exterioridade é a melhor recomendação da perfeição interior.

CXXXI. Galanteria de condição.

Têm sua bizzarria as almas, galhardia do espírito, por cujos atos galantes fica muito airoso um coração. Não cabe em todos, porque supõe magnanimidade. Seu primeiro assunto é falar bem do inimigo e agir melhor. Seu maior brilho se livra nos lances da vingança: não os tira, mas os melhora, convertendo-a, quando mais vencedora, em generosidade inesperada. É também política, e até a gala da razão de Estado. Nunca afeta vencimentos, porque nada afeta; e, quando os alcança o merecimento, dissimula-os a ingenuidade.

CXXXII. Usar o reconselho.

Apelar à revisão é segurança, sobretudo onde não é evidente a satisfação; tomar tempo, seja para conceder, seja para melhorar-se. Oferecem-se novas razões para confirmar e corroborar o ditame. Se a matéria é dar, estima-se mais o dom em fé da prudência que no gosto da presteza; sempre foi mais estimado o desejado.

Se se há de negar, fica lugar ao modo e para amadurecer o não, de modo que saia mais sazonado. E, muitas vezes, passado aquele primeiro calor do desejo, já não se sente depois, a sangue-frio, o desaire do negar. A quem pede depressa, conceder tarde: é artimanha para desmentir a atenção.

CXXXIII. Antes louco com todos que prudente a sós.

Assim dizem os políticos. Pois, se todos o são, com ninguém perderá; e, se a prudência é solitária, será tida por loucura. Tanto importará seguir a corrente. O maior saber é, às vezes, não saber, ou afetar não saber. Deve-se viver com outros, e os ignorantes são a maioria. Para viver a sós, é preciso ter muito de Deus ou tudo de besta.

Mas eu moderaria o aforismo, dizendo: antes prudente com os mais que louco a sós. Alguns querem ser singulares nas quimeras.

CXXXIV. Dobrar os requisitos da vida.

É dobrar o viver. Não deve ser única a dependência, nem se deve estreitar a uma só coisa, ainda que singular. Tudo deve ser dobrado, e mais as causas do proveito, do favor, do gosto. É transcendente a mutabilidade da lua, termo da permanência, e mais ainda as coisas que dependem da vontade humana, que é quebradiça.

Valha contra a fragilidade a reserva, e seja grande regra da arte de viver dobrar as circunstâncias do bem e da comodidade: assim como a natureza dobrou os membros mais importantes e mais arriscados, assim a arte dobre os da dependência.

CXXXV. Não ter espírito de contradição.

Isso é carregar-se de needade e enfado. Contra ele há de conjurar-se a prudência. Bem pode ser engenhoso dificultar tudo, mas a porfia não escapa de néscia. Esses fazem guerrilha da doce conversação, e assim são mais inimigos dos familiares que dos que não os tratam. No mais saboroso bocado sente-se mais a espinha atravessada; e tal é a contradição dos bons momentos. São néscios perniciosos, que acrescentam o feroz ao bestial.

CXXXVI. Pôr-se bem nas matérias; tomar logo o pulso aos negócios.

Muitos se vão ou pelos ramos de um discorrer inútil, ou pelas folhas de uma cansada verbosidade, sem topar com a substância do caso. Dão cem voltas rodeando um ponto, cansando-se e cansando, e nunca chegam ao centro da importância. Procede isso de entendimentos confusos, que não sabem desembaraçar-se. Gastam o tempo e a paciência no que deveriam deixar, e depois não os têm para o que deixaram.

CXXXVII. Baste-se a si mesmo o sábio.

Ele era para si todas as suas coisas; e, levando-se a si, levava tudo. Se um amigo universal basta para fazer Roma e todo o restante do universo, seja cada um esse amigo de si próprio, e poderá viver a sós. Quem lhe poderá fazer falta se não há maior conceito nem maior gosto que o seu? Dependerá de si só, que é felicidade suma: assemelhar-se à entidade suma. Quem pode passar assim a sós nada terá de bruto, mas muito de sábio e tudo de Deus.

CXXXVIII. Arte de deixar estar.

E mais quando mais revolto o mar comum ou familiar. Há turbilhões no trato humano, tempestades de vontade; então é prudência retirar-se ao porto seguro de dar vau. Muitas vezes os males pioram com os remédios. Deixar fazer ali a natureza, aqui a moralidade. Tanto deve saber o médico sábio para receitar quanto para não receitar; às vezes a arte consiste mais em não aplicar remédios.

Seja modo de sossegar turbilhões vulgares levantar a mão e deixar sossegar; ceder ao tempo agora será vencer depois. Uma fonte, com pouca inquietação, turva-se; não voltará a serenar tentando-o, mas deixando-a. Não há melhor remédio para os desconcertos que deixá-los correr, pois assim caem por si mesmos.

CXXXIX. Conhecer o dia aziago.

Há dias assim: nada sairá bem; e, ainda que se varie o jogo, não se varia a má sorte. Em dois lances convém conhecê-la e retirar-se, advertindo se se está de dia ou não. Até no entendimento há vez, pois ninguém soube a todas as horas. É ventura acertar a discorrer, como escrever bem uma carta. Todas as perfeições dependem de sação; nem sempre a beleza está em seu momento. A discrição desmente-se a si mesma, ora cedendo, ora excedendo-se; e tudo, para sair bem, deve estar de dia.

Assim como a uns tudo sai mal, a outros tudo sai bem, e com menos diligências. Tudo se lhes acha feito: o engenho está em vez, o gênio em têmpera, e tudo sob boa estrela. Então convém aproveitá-la e não desperdiçar a menor partícula. Mas o varão ajuizado não deve, por um azar que viu, sentenciar definitivamente como mau, nem, ao contrário, como bom; aquilo pôde ser desazo, isto ventura.

CXL. Topar logo com o bom em cada coisa.

É dita do bom gosto. Vai logo a abelha à doçura para o favo, e a víbora à amargura para o veneno. Assim os gostos: uns ao melhor, outros ao pior. Não há coisa que não tenha algo bom, ainda mais se é livro, por ser pensado.

É, pois, tão desgraçado o gênio de alguns que, entre mil perfeições, toparão apenas com o único defeito que houver, e esse censuram e celebram. São recolhedores das imundícies de vontades e entendimentos, carregando notas e defeitos; isso é mais castigo de sua má escolha que emprego de sua sutileza. Passam má vida, pois sempre se cevam de amarguras e fazem pasto de imperfeições. Mais feliz é o gosto de outros que, entre mil defeitos, toparão logo com uma só perfeição que a ventura deixou cair.

CXLI. Não escutar-se.

Pouco aproveita agradar a si mesmo se não contenta aos demais; e de ordinário o desprezo comum castiga a satisfação particular. Deve-se a todos quem se paga de si mesmo. Querer falar e ouvir-se não sai bem; e, se falar consigo a sós é loucura, escutar-se diante dos outros será dobrada.

Achaque de senhores é falar com o bordão do “digo algo?” e daquele “hein?” que martela os que escutam. A cada razão orelham a aprovação ou a lisonja, esgotando a prudência. Também os inchados falam com eco; e, como sua conversa anda em tamancos de entono, a cada palavra solicita o enfadonho socorro do néscio “bem dito!”.

CXLII. Nunca, por teima, seguir o pior partido.

Não porque o contrário se adiantou e escolheu o melhor. Já se começa vencido, e assim será preciso ceder desairado. Nunca se vingará bem com o mal. Foi astúcia do contrário antecipar-se ao melhor, e necedade sua opor-se tarde com o pior. Esses porfiados de obra são mais empenhados que os de palavra, quanto vai mais risco do fazer ao dizer.

Vulgaridade dos teimosos: não reparar na verdade, por contradizer; nem na utilidade, por litigar. O atento está sempre do lado da razão, não da paixão, ou antecipando-se antes ou melhorando-se depois. Pois, se o contrário é néscio, por isso mesmo mudará de rumo, passando-se à parte contrária, com que piorará de partido. Para tirá-lo do melhor, o único remédio é abraçá-lo você mesmo; sua necedade o fará deixá-lo, e sua teima será seu precipício.

CXLIII. Não cair no paradoxo para fugir do vulgar.

Os dois extremos são de descrédito. Todo assunto que desdiz da gravidade é ramo de necedade. O paradoxo é certo engano plausível nos princípios, que admira pelo novo e pelo picante; mas depois, com o desengano de sair tão mal, fica muito desairado. É espécie de embuste e, em matérias políticas, ruína dos Estados.

Os que não podem chegar, ou não se atrevem, ao heroico pelo caminho da virtude, lançam-se pelo paradoxo, admirando néscios e dando razão a muitos prudentes. Argui destempero no ditame, e por isso é tão oposto à prudência. E, se às vezes não se funda no falso, ao menos no incerto, com grande risco da importância.

CXLIV. Entrar com a alheia para sair com a sua.

É estratégia do conseguir. Mesmo nas matérias do céu recomendam essa santa astúcia os mestres cristãos. É importante dissimulação, porque a utilidade concebida serve de isca para prender uma vontade: parece-lhe que a sua vai à frente, mas é apenas para abrir caminho à pretensão alheia.

Nunca se deve entrar desatinadamente, sobretudo onde há fundo de perigo. Também com pessoas cuja primeira palavra costuma ser não convém disfarçar o tiro, para que não se advirta a dificuldade de conceder, muito mais quando se presente a aversão. Pertence este aviso aos de segunda intenção, que todos são da quinta sutileza.

CXLV. Não descobrir o dedo ferido.

Tudo baterá ali. Não se queixe dele, pois a malícia sempre sacode onde dói à fraqueza. Mostrar-se picado só servirá para picar o gosto ao entretenimento. A má intenção vai procurando o achaque para fazer saltar: lança varinhas para achar o

sentimento, fará a prova de mil modos até chegar ao vivo.

Nunca o atento se dê por entendido, nem descubra seu mal, seja pessoal ou herdado; pois até a fortuna se deleita às vezes em lastimar onde mais há de doer. Sempre mortifica no vivo. Por isso não se deve descobrir nem o que mortifica, nem o que vivifica: um para que acabe, outro para que dure.

CXLVI. Olhar por dentro.

Costuma-se achar que as coisas são muito outras do que pareciam; e a ignorância que não passou da casca converte-se em desengano quando penetra o interior. A mentira é sempre a primeira em tudo; arrasta néscios por vulgaridade continuada. A verdade sempre chega por último, e tarde, coxeando com o tempo; reservam-lhe os prudentes a outra metade da potência que a mãe comum sabiamente duplicou.

O engano é muito superficial, e logo topam com ele os que também o são. O acerto vive retirado em seu interior para ser mais estimado por seus sábios e discretos.

CXLVII. Não ser inacessível.

Ninguém há tão perfeito que alguma vez não precise de advertência. É irremediavelmente néscio quem não escuta. O mais isento deve dar lugar ao aviso amigável, e nem a soberania deve excluir a docilidade. Há homens irremediáveis por inacessíveis, que se precipitam porque ninguém ousa chegar a detê-los.

O mais inteiro deve ter uma porta aberta à amizade, e será a do socorro. Deve haver lugar para um amigo que possa, com desembaraço, avisá-lo e até castigá-lo. A satisfação deve pô-lo nessa autoridade, e o grande conceito de sua fidelidade e prudência. Não se deve facilitar a todos o respeito, nem mesmo o crédito; mas tenha, no retiro de seu recato, um espelho fiel de confidente, a quem deva e estime a correção no desengano.

CXLVIII. Ter a arte de conversar.

Nela se faz mostra de ser pessoa. Em nenhum exercício humano se requer mais atenção, por ser o mais ordinário do viver. Aqui é perder-se ou ganhar-se; pois, se é necessária a advertência para escrever uma carta, sendo conversa pensada e por escrito, quanto mais na ordinária, onde se faz exame pronto da discrição.

Os peritos tomam o pulso ao ânimo pela língua, e por isso disse o Sábio: “Fala, se queres que eu te conheça.” Alguns têm por arte da conversação ir sem ela, que deve ser folgada, como o vestir, entenda-se entre muito amigos; quando é de respeito, deve ser mais substancial e indicar a muita substância da pessoa. Para acertar, deve ajustar-se ao gênio e ao engenho dos que intervêm. Não se deve afetar ser censor das palavras, pois será tido por gramático; nem fiscal das razões, pois todos lhe furtaão o

trato e lhe vedarão a comunicação. A discrição no falar importa mais que a eloquência.

CXLIX. Saber declinar a outros os males.

Ter escudos contra a malevolência é grande artimanha dos que governam. Não nasce de incapacidade, como pensa a malícia, mas de indústria superior: ter em quem recaia a censura dos desacertos e o castigo comum da murmuração. Nem tudo pode sair bem, nem a todos se pode contentar. Haja, pois, uma cabeça de erros, alvo de infelicidades, à custa de sua própria ambição.

CL. Saber vender suas coisas.

Não basta a bondade intrínseca delas, pois nem todos mordem a substância, nem olham por dentro. A maioria acode onde há concurso; vai porque vê outros irem. Grande parte do artifício é saber acreditar: umas vezes celebrando, pois o louvor solicita o desejo; outras, dando bom nome, que é grande modo de sublimar, sempre desmentindo a afetação.

Destinar algo apenas aos entendidos é agulhão geral, porque todos se julgam entendidos; e, quando não, a privação esporeará o desejo. Nunca se devem acreditar os assuntos como fáceis nem comuns, pois isso é mais vulgarizá-los que facilitá-los. Todos mordem o singular como mais apetecível, tanto ao gosto quanto ao engenho.

Aforismos CLI-CLXXV

CLI. Pensar antecipado.

Hoje para amanhã, e ainda para muitos dias. A maior providência é ter horas dela; para os prevenidos não há acasos, nem para os apercebidos apertos. Não se deve aguardar o discorrer para o afogo; deve ir de antemão. Previna-se, com a maturidade do reconselho, o ponto mais cru.

O travesseiro é Sibila muda, e dormir sobre os pontos vale mais que desvelar-se debaixo deles. Alguns agem e depois pensam: isso é mais buscar desculpas que consequências. Outros, nem antes nem depois. Toda a vida deve ser pensar para acertar o rumo: o reconselho e a providência dão arbítrio de viver antecipado.

CLII. Nunca acompanhar-se de quem possa deslucir.

Tanto por mais quanto por menos. O que excede em perfeição excede em estima. O outro fará sempre o primeiro papel, e ele o segundo; e, se lhe alcançar algum apreço, serão as sobras daquele. A lua campeia enquanto está só entre as estrelas; mas, saindo o sol, ou não aparece ou desaparece.

Nunca se arrime a quem o eclipse, mas a quem o realce. Assim pôde parecer formosa a discreta Fábula de Marcial, e luzir entre a fealdade ou o desalinho de suas donzelas. Tampouco deve correr perigo de mau lado, nem honrar outros à custa de seu crédito. Para fazer-se, vá com os eminentes; já feito, entre os medianos.

CLIII. Fuja de entrar a preencher grandes vazios.

E, se se empenha, seja com segurança de excesso. É preciso dobrar o valor para igualar o do passado. Assim como é ardil que o sucessor seja tal que faça desejado quem se foi, também é sutileza que quem acabou não o eclipse. É dificultoso preencher um grande vazio, porque o passado sempre pareceu melhor; e nem a igualdade bastará, pois ele está na posse de primeiro. É, pois, necessário acrescentar prendas para tirar outro de sua posse no maior conceito.

CLIV. Não ser fácil.

Nem em crer, nem em querer. Conhece-se a maturidade na espera da credulidade: é muito ordinário mentir; seja extraordinário crer. Quem ligeiramente se moveu depois se acha corrido. Mas não se deve dar a entender a dúvida da fé alheia, pois passa de descortesia a agravo, porque se trata quem responde como enganador ou enganado.

E esse ainda não é o maior inconveniente: o não crer é indício do mentir, pois o mentiroso tem dois males, nem crê, nem é crido. A suspensão do juízo é prudente em quem ouve; e remeta-se a fé ao autor daquele dito: “Também é espécie de imprudência a facilidade no querer.” Pois, se se mente com a palavra, também se mente com as coisas; e mais pernicioso é esse engano pela obra.

CLV. Arte no apaixonar-se.

Se possível, previna a prudente reflexão a vulgaridade do ímpeto. Não será difícil para quem for prudente. O primeiro passo do apaixonar-se é advertir que se apaixonou: é entrar com senhorio do afeto, tateando a necessidade até tal ponto de ira, e não mais. Com essa reflexão superior, entre e saia de uma cólera.

Saiba parar bem e a seu tempo, pois o mais dificultoso do correr está no parar. Grande prova de juízo é conservar-se prudente nos transes de loucura. Todo excesso de paixão degenera do racional; mas, com essa magistral atenção, nunca atropelará a razão nem pisará os limites da sindérese. Para saber fazer mal a uma paixão é preciso ir sempre com a rédea na atenção, e será o primeiro prudente a cavalo, se não o último.

CLVI. Amigos de escolha.

Devem sê-lo a exame da discrição e à prova da fortuna, graduados não só pela vontade, mas pelo entendimento. E, embora seja o acerto mais importante do viver, é o menos assistido pelo cuidado. Em alguns opera a intromissão; na maioria, o acaso. Define-se alguém pelos amigos que tem, pois nunca o sábio concordou com ignorantes.

Mas gostar de alguém não argui intimidade: pode proceder mais do bom momento de sua graça que da confiança em sua capacidade. Há amizades legítimas e outras adúlteras; estas para a deleitação, aquelas para a fecundidade de acertos. Encontram-se poucos amigos da pessoa, muitos da fortuna. Mais aproveita o bom entendimento de um amigo que as boas vontades de muitos outros. Haja, pois, escolha, não sorte. Um sábio sabe poupar pesares; o amigo néscio os acarreta. Nem se lhes deseje muita fortuna, se não se quer perdê-los.

CLVII. Não se enganar nas pessoas.

É o pior e mais fácil engano. Mais vale ser enganado no preço que na mercadoria; e não há coisa que mais necessite de ser olhada por dentro. Há diferença entre entender as coisas e conhecer as pessoas; e é grande filosofia alcançar os gênios e distinguir os humores dos homens. É tão necessário ter estudados os sujeitos quanto os livros.

CLVIII. Saber usar os amigos.

Há nisso sua arte de discrição. Uns são bons de longe, outros de perto; e quem talvez não foi bom para a conversa o é para a correspondência. A distância purifica alguns defeitos que eram intoleráveis na presença. Não se deve procurar neles apenas o gosto, mas também a utilidade, que há de ter as três qualidades do bem, outros dizem as do ente: uno, bom e verdadeiro, porque o amigo é todas as coisas.

São poucos para bons, e não saber escolhê-los os torna menos. Saber conservá-los é mais que fazê-los amigos. Busquem-se tais que hajam de durar; e, embora no princípio sejam novos, baste para satisfação que poderão fazer-se velhos. Absolutamente, os melhores são os muito temperados, ainda que se gaste uma fanega de sal na experiência. Não há deserto como viver sem amigos. A amizade multiplica os bens e reparte os males; é único remédio contra a fortuna adversa e desabafo da alma.

CLIX. Saber sofrer néscios.

Os sábios sempre foram maus sofredores, pois quem acrescenta ciência acrescenta impaciência. O muito conhecer é difícil de satisfazer. A maior regra do viver, segundo Epicteto, é sofrer, e a isso reduziu metade da sabedoria. Se todas as necessidades devem ser toleradas, muita paciência será necessária.

Às vezes sofremos mais de quem mais dependemos, o que importa para o exercício de vencer-se. Do sofrimento nasce a inestimável paz, que é a felicidade da terra. E quem não se achar com ânimo de sofrer, apele ao retiro de si mesmo, se é que ainda a si mesmo poderá tolerar.

CLX. Falar com atenção.

Com os rivais, por cautela; com os demais, por decência. Sempre há tempo para enviar a palavra, mas não para fazê-la voltar. Deve-se falar como em testamento: a menos palavras, menos pleitos. No que não importa, deve-se ensaiar para o que importar. A reserva tem visos de divindade. Quem é fácil em falar está perto de ser vencido e convencido.

CLXI. Conhecer os defeitos doces.

O homem mais perfeito não escapa de alguns, e casa-se ou amanceba-se com eles. Há-os no engenho, e maiores no maior, ou ao menos mais percebidos. Não porque o próprio sujeito não os conheça, mas porque os ama. Dois males juntos: apaixonar-se, e por vícios.

São manchas da perfeição, ofendem tanto os de fora quanto aos próprios soam bem. Aquí está o galhardo vencer-se e dar essa felicidade aos demais reais. Todos

topam ali; e, quando deveriam celebrar o muito bom que admiram, detêm-se onde reparam, afeando aquilo por desdouro das demais prendas.

CLXII. Saber triunfar da emulação e da malevolência.

Pouco é o desprezo, ainda que prudente; mais é a galanteria. Não há aplauso bastante para um dizer bem de quem diz mal. Não há vingança mais heroica que a feita com méritos e prendas, que vencem e atormentam a inveja. Cada felicidade é um aperto de cordas ao mal-afeto, e a glória do emulado é inferno do rival.

Esse castigo se tem por maior: haver veneno na felicidade. O invejoso não morre de uma vez, mas tantas quantas vive, a vozes de aplauso, o invejado, competindo a perenidade da fama de um com a penalidade do outro. Este é imortal para suas glórias; aquele, para suas penas. O clarim da fama, que toca imortalidade para um, publica morte para o outro, sentenciando-o ao suplício de tão invejosa suspensão.

CLXIII. Nunca, por compaixão do infeliz, incorrer na desgraça do afortunado.

É desventura para uns o que costuma ser ventura para outros; pois um não seria ditoso se muitos outros não fossem desditosos. É próprio dos infelizes conseguir a graça das gentes, que quer recompensar com seu favor inútil os desfavores da fortuna. Já se viu quem, na prosperidade, foi aborrecido por todos, e na adversidade, compadecido por todos: trocou-se a vingança contra o elevado em compaixão pelo caído.

Mas o sagaz atenda ao baralhar da sorte. Há alguns que só vão com os desditosos, e ladeiam hoje, por infeliz, aquele de quem fugiram ontem por afortunado. Isso argui talvez nobreza do natural, mas não sagacidade.

CLXIV. Lançar algumas coisas ao ar.

Para examinar a aceitação: ver como são recebidas, sobretudo as suspeitas de acerto e agrado. Assegura-se o sair bem, e fica lugar ou para o empenho, ou para o retiro. Tateiam-se assim as vontades, e o atento sabe onde tem os pés: prevenção máxima do pedir, do querer e do governar.

CLXV. Fazer boa guerra.

Podem obrigar o prudente a fazê-la, mas não má. Cada um deve agir como quem é, não como o obrigam. É plausível a galanteria na emulação. Deve-se pelejar não só para vencer no poder, mas também no modo. Vencer à ruindade não é vitória, mas rendimento. A generosidade sempre foi superioridade.

O homem de bem nunca se vale de armas vedadas; e vedadas são as da amizade acabada para o ódio começado, pois não se deve valer da confiança para a vingança. Tudo o que cheira a traição infecciona o bom nome. Em personagens obrigados, estranha-se mais qualquer átomo de baixaza; devem distar muito a nobreza e a vileza. Preze-se de que, se galanteria, generosidade e fidelidade se perdessem no mundo, haveriam de ser buscadas em seu peito.

CLXVI. Diferenciar o homem de palavras do homem de obras.

É precisão única, assim como a do amigo, da pessoa ou do emprego, pois são muito diferentes. Mau é, não tendo palavra boa, não ter obra má; pior é, não tendo palavra má, não ter obra boa. Já não se come de palavras, que são vento; nem se vive de cortesias, que são cortês engano. Caçar aves com luz é verdadeiro encandeamento.

Os desvanecidos se pagam do vento. As palavras devem ser prendas das obras, e assim devem ter seu valor. Árvores que não dão frutos, mas folhas, não costumam ter coração. Convém conhecê-las: umas para proveito, outras para sombra.

CLXVII. Saber ajudar-se.

Não há melhor companhia nos grandes apertos que um bom coração; e, quando ele fraquejar, deve ser suprido pelas partes que lhe estão próximas. Fazem-se menores os afãs a quem sabe valer-se. Não se renda à fortuna, pois ela se acabará de fazer intolerável. Alguns pouco se ajudam em seus trabalhos, e os dobram por não saber levá-los. Quem já se conhece socorre com a consideração sua fraqueza, e o discreto sai com vitória de tudo, até das estrelas.

CLXVIII. Não dar em monstro da needade.

São-no todos os desvanecidos, presunçosos, porfiados, caprichosos, persuadidos, extravagantes, figureiros, graciosos, noveleiros, paradoxais, sectários e todo gênero de homens destemperados: monstros todos da impertinência. Toda monstruosidade do ânimo é mais disforme que a do corpo, porque desdiz da beleza superior.

Mas quem corrigirá tanto desconcerto comum? Onde falta a sindérese, não fica lugar para a direção; e a que deveria ser observação refletida da irrisão torna-se mal concebida presunção de aplauso imaginado.

CLXIX. Atenção a não errar uma vez, mais que a acertar cem.

Ninguém olha o sol resplandecente, e todos o olham eclipsado. A nota vulgar não contará as que se acertarem, mas as que se errarem. Mais conhecidos são os maus para serem murmurados que os bons para serem aplaudidos. Muitos nem foram conhecidos até delinquirem, e nem todos os acertos juntos bastam para desmentir

um só e mínimo desdouro. Desengane-se todo homem: serão notadas pela malevolência todas as suas más ações, e nenhuma boa.

CLXX. Usar da reserva em todas as coisas.

É assegurar a importância. Não se deve empregar todo o cabedal, nem sacar todas as forças a cada vez. Até no saber deve haver resguardo, que é dobrar as perfeições. Sempre deve haver a que apelar num aperto de sair mal. Mais opera o socorro que o acometimento, porque é de valor e de crédito. O proceder da prudência sempre foi pelo seguro. E ainda nesse sentido é verdadeira aquela picante paradoxo: mais é a metade que o todo.

CLXXI. Não gastar o favor.

Os grandes amigos são para as grandes ocasiões. Não se deve empregar muita confiança em coisas pequenas, pois seria desperdício da graça. A âncora sagrada reserva-se sempre para o último risco. Se no pouco se abusa do muito, que ficará para depois?

Nada há que mais valha que os valedores, nem mais precioso hoje que o favor: ele faz e desfaz no mundo, até dar engenho ou tirá-lo. Aos sábios, o que natureza e fama favoreceram, a fortuna invejou. Mais é saber conservar pessoas e tê-las que haveres.

CLXXII. Não se empenhar com quem não tem que perder.

É brigar em desigualdade. O outro entra com desembaraço porque traz perda até a vergonha; acabou com tudo, nada mais tem a perder, e assim se lança a toda impertinência. Nunca se deve expor a inestimável reputação a risco tão cruel: custou muitos anos ganhá-la e vem a perder-se num ponto de pontilho; um desaire congela muito suor luzido.

Ao homem de obrigações faz reparar o ter muito que perder. Olhando por seu crédito, olha pelo contrário; e, como se empenha com atenção, procede com tal detenção que dá tempo à prudência para retirar-se a tempo e pôr em segurança o crédito. Nem com a vitória se chegará a ganhar o que já se perdeu ao expor-se a perder.

CLXXIII. Não ser de vidro no trato.

E menos na amizade. Alguns quebram com grande facilidade, descobrindo pouca consistência; enchem a si mesmos de ofensa, e aos demais de enfado. Mostram ter a condição mais sensível que a menina dos olhos, pois não permite ser tocada, nem de brincadeira nem a sério. Ofendem-na as motas, quando nem notas seriam necessárias.

Devem ir com grande tato os que os tratam, atendendo sempre a suas delicadezas; guardam-lhes os ares, porque o mais leve desaire os desazona. São estes ordinariamente muito seus, escravos do próprio gosto, pelo qual atropelarão tudo, idólatras de sua honrinha. A condição do amante deve ter metade de diamante em durar e resistir.

CLXXIV. Não viver depressa.

Saber repartir as coisas é saber gozá-las. A muitos sobra vida e acaba-se a felicidade. Malogram os contentamentos, pois não os gozam, e depois queriam voltar atrás quando já se encontram tão adiante. São postilhões do viver: além do comum correr do tempo, acrescentam seu atropelamento natural. Queriam devorar em um dia aquilo que mal poderão digerir em toda a vida.

Vivem adiantados nas felicidades, comem os anos por vir e, como vão com tanta pressa, acabam depressa com tudo. Mesmo no querer saber deve haver modo, para não saber mal as coisas sabidas. São mais os dias que as ditas: no gozar, devagar; no agir, depressa. As façanhas ficam bem feitas; os contentamentos, mal acabados.

CLXXV. Homem substancial.

E quem o é não se paga dos que não o são. Infeliz é a eminência que não se funda na substância. Nem todos os que parecem homens o são: há-os de embuste, que concebem quimeras e parem enganos; e há outros semelhantes que os apoiam, e gostam mais do incerto prometido por um embuste, por ser muito, que do certo assegurado por uma verdade, por ser pouco.

Ao cabo, seus caprichos saem mal, porque não têm fundamento de inteireza. Só a verdade pode dar reputação verdadeira, e a substância entra em proveito. Um engano precisa de muitos outros, e assim toda a fábrica é quimera; e, como se funda no ar, é preciso vir à terra. Nunca chega a velho um desconcerto; ver o muito que promete basta para torná-lo suspeito, assim como o que prova demasiado é impossível.

Aforismos CLXXVI-CC

CLXXVI. Saber, ou ouvir quem sabe.

Sem entendimento, próprio ou emprestado, não há viver. Mas há muitos que ignoram que não sabem, e outros que pensam saber não sabendo. São incuráveis os males da necedade, porque, como os ignorantes não se conhecem, não procuram o que lhes falta. Alguns seriam sábios se não cressem sê-lo.

Por isso, embora sejam raros os oráculos da prudência, vivem ociosos, porque ninguém os consulta. Não diminuirá a grandeza nem arguirá incapacidade consultar; antes abonará. Discorrer com a razão é atalhar contra a desdita.

CLXXVII. Evitar demasiada familiaridade no trato.

Não se deve usá-la nem permiti-la. Quem se familiariza perde a superioridade que lhe dava a inteireza e, com ela, a estima. Os astros, por se conservarem tão afastados, mantêm o esplendor. A divindade pede veneração; a familiaridade gera menosprezo.

Com as coisas humanas, quanto maior a comunicação, menor a estima, porque a comunicação descobre as imperfeições que o recato encobria. Com ninguém convém familiaridade: nem com superiores, por perigosa; nem com inferiores, por indecente; e menos ainda com a plebe, que, por néscia, é insolente, e não reconhecerá o favor, mas presumirá obrigação. A familiaridade é aparentada da vulgaridade.

CLXXVIII. Crer no coração.

E sobretudo quando é provado. Nunca se lhe deve contradizer, pois costuma ser prognóstico do que mais importa. É oráculo caseiro. Muitos pereceram do que temiam; mas de que lhes serviu temê-lo sem o remédio? Há alguns de coração muito leal: vantagem de superior natureza, que sempre os previne e toca rebate contra a desventura para que acudam ao abrigo.

Não é prudente sair ao encontro dos males, mas sim ir-lhes ao encontro para vencê-los.

CLXXIX. A retentiva é selo da capacidade.

Na arca da memória está o melhor fundo; e, se esta falta, falta tudo. Ali se conserva o saber, que é custoso, e o juízo, que também. Sem ela, reduzem-se todas as prendas a defeito; porque sem memória não há cabedal, nem riqueza de espírito.

Feliz quem a tem pronta e fiel: pronta para acudir, fiel para guardar. Mas também é preciso saber esquecer; às vezes a melhor memória é saber não lembrar o que convém deixar passar.

CLXXX. Nunca se reger pelo que o inimigo deveria fazer.

O néscio nunca fará o que convém, porque não discerne o melhor; e o prudente talvez não o faça, porque o inimigo espera que o faça. Há de se mirar pelos dois lados e prevenir ambos. Não se governe a própria resolução pelo acerto alheio, e menos pelo do adversário.

Muitas vezes se perde quem imagina muito cordato o contrário; e outras, quem o supõe demasiado simples. A prudência deve armar-se tanto contra a malícia quanto contra a ignorância.

CLXXXI. Sem mentir, não dizer todas as verdades.

Nada exige mais tento que a verdade: é sangrar o coração. Tanto é mister saber dizê-la quanto calá-la. Com uma só mentira perde-se todo o crédito de inteiro; tem-se por engano o enganado, e por falso o enganador, o que é pior.

Nem todas as verdades se podem dizer; umas por si mesmo, outras por outrem. A verdade é remédio forte, e nem todo estômago a suporta. Deve-se temperá-la com a ocasião, a necessidade e o modo. Dita sem arte, deixa de ser verdade útil e passa a ser aspereza.

CLXXXII. Um grão de audácia com todos é importante prudência.

Convém moderar o conceito dos outros; muitos se impõem só porque não encontram resistência. Há pessoas que fazem grande volume de sombra, mas, se se lhes chega perto, descobrem-se pequenas. A confiança alheia cresce com a nossa timidez.

Um ponto de atrevimento, governado pela razão, abre caminho à estima. Não é temeridade, mas brio. Quem sempre se encolhe convida o mundo a pisá-lo; quem se mostra inteiro obriga a que o tratem com medida.

CLXXXIII. Não se prender com força ao próprio parecer.

Todo néscio é tenaz, e todo tenaz é néscio; quanto mais errado o juízo, mais firme a teima. Mesmo na evidência convém ceder, pois não se perde autoridade em reconhecer a razão, antes se ganha crédito de juízo.

A firmeza deve estar na vontade honrada, não na opinião equivocada. Há diferença entre constância e obstinação: uma é virtude; a outra, enfermidade do entendimento.

CLXXXIV. Não ser cerimonioso.

Até em reis foi afetada essa singularidade. O excesso de cerimônia é enfadonho, e alguns fazem dele grandeza. A dignidade não depende de muita etiqueta, mas de natural gravidade e decoro. O homem de substância não precisa revestir-se de aparatos a cada passo.

Contudo, também não se deve cair na descortesia. O melhor termo é a urbanidade fácil: cumprir sem oprimir, honrar sem cansar, guardar respeito sem fazer do trato um tribunal.

CLXXXV. Nunca expor o crédito à prova de uma só vez.

Pois, se nela se perde, não se recupera facilmente. Sempre pode acontecer o mau acaso, e uma vez basta para desdourar muitos acertos. Não se aventure toda a reputação num único lance, porque o juízo comum é breve para agradecer e longo para censurar.

Tenha-se sempre alguma reserva, algum resguardo, alguma segunda saída. O prudente não joga todo o cabedal numa mão, nem põe a honra inteira à mercê de um dia; porque nem sempre se está de dia.

CLXXXVI. Conhecer os defeitos.

Por mais autorizado que seja o sujeito, ninguém vive sem eles. Até a perfeição tem sombras; e, em alguns, as prendas grandes fazem maiores os achaques, porque os tornam mais notados. Importa conhecê-los em si para os corrigir, e nos outros para os sofrer.

Há defeitos que se ocultam por arte, e outros que o aplauso encobre. Mas o atento os descobre, não para publicar, e sim para governar-se. Quem conhece a fraqueza própria põe guarda; quem conhece a alheia põe cautela.

CLXXXVII. Tudo o favorável, fazer por si; tudo o odioso, por terceiros.

Com o primeiro granjeia-se afeição; com o segundo evita-se ódio. As coisas agradáveis devem trazer a marca da mão própria; as desagradáveis, se necessárias, passem por ministros, porque a memória dos homens guarda mais o agravo que o benefício.

Não é covardia, mas política. O superior há de ser fonte dos favores e, quando puder, deixar que o rigor venha por lei, cargo ou intermediário. Assim se conserva a autoridade sem perder o amor.

CLXXXVIII. Trazer o que louvar.

É fineza de cortesia e de prudência. Quem entra achando que estimar entra estimado; e quem só traz censuras parece vir armado. Convém descobrir em cada um alguma excelência, pois todos desejam ser conhecidos pelo seu melhor.

O louvor oportuno abre portas que a razão nua não abriria. Não seja adulação, que envilece; seja reconhecimento, que honra quem o dá e quem o recebe. Trazer que louvar é trazer paz no trato.

CLXXXIX. Valer-se da privação alheia.

A falta de uns é ocasião de outros. A carência desperta o desejo, e quem sabe prover o que falta torna-se necessário. Assim como se mede o apreço pela necessidade, também cresce o valor das coisas quando são raras.

Mas use-se com decência essa vantagem. Não se deve explorar misérias, e sim conhecer oportunidades. Há grande diferença entre servir a uma privação e abusar dela: a primeira granjeia reconhecimento; a segunda, rancor.

CXC. Achar consolo em tudo.

Até nas desgraças há seu alívio, se o engenho o sabe procurar. Nenhum mal vem tão puro que não traga alguma mistura de bem; e, se não há remédio, ao menos há conorte. A prudência tem alquimia para tirar algum proveito até do dano.

Uns aumentam a pena com a imaginação; outros a diminuem com a consideração. O que não se pode vencer por fora vença-se por dentro. Quem sabe consolar-se possui uma segunda fortuna.

CXCI. Não se pagar da muita cortesia.

Costuma ser disfarce de engano. Há cortesias que parecem ervas da Tessália: encantam para melhor vencer. O muito afago às vezes é preparação do golpe; e quem se deixa comprar por palavras paga caro o gosto de ouvi-las.

Receba-se a urbanidade com agradecimento, mas sem entregar o juízo. Nem tudo o que suaviza é amigo; muitas vezes a lisonja unge para prender. A cortesia verdadeira tem medida; a excessiva pede exame.

CXCII. Homem de grande paz, homem de muita vida.

Para viver, deixe viver. Os pacíficos não apenas vivem, mas reinam sobre si. A paz é o leito da fortuna, e quem a conserva poupa muitos dias de alma. As contendas gastam mais do que vencem; e, ainda quando se ganha a demanda, perde-se sossego.

Não se trata de frouxidão, mas de senhorio. Há paz vil, que nasce do medo; e paz nobre, que nasce da prudência. Esta sabe evitar o choque sem ceder a honra, e vence

muitas batalhas não as travando.

CXCIII. Atenção ao que entra com a alheia para sair com a sua.

Há quem começa defendendo interesse de outro para introduzir o seu. Vem como mediano e acaba pretendente; traz causa emprestada e descobre intento próprio. É arte comum dos ardilosos: pedir para terceiros até se fazerem atendidos por si.

Convém mirar não apenas o que se diz, mas para onde se encaminha. Muitos rodeios são portas falsas. O atento pergunta: que quer este afinal? E, achando o centro, não se deixa governar pela circunferência.

CXCIV. Conceber de si e de suas coisas prudentemente.

Sobretudo no princípio. Todos se prometem muito de si, e a esperança é grande aduladora. O amor-próprio pinta com cores favoráveis, e daí nascem empresas mal medidas e desenganos custosos.

Conheça cada um seu cabedal, seus limites e seu tempo. Nem se abata por humildade fingida, nem se levante por presunção cega. A justa estima de si é fundamento de todos os acertos, porque quem se mede bem se aplica melhor.

CXCV. Saber estimar.

Não há coisa que mais careça de juízo. Muitos apreciam pelo ruído, outros pela distância, outros pelo favor da moda. O valor verdadeiro costuma estar encoberto, e o falso vem muitas vezes bem vestido.

Saber estimar é saber escolher, conservar e preferir. O prudente não compra aplausos por méritos, nem despreza o que não reluz. Dá preço às coisas pelo uso, às pessoas pela substância, e às ocasiões pelo fruto.

CXCVI. Conhecer sua estrela.

Ninguém deve ignorar a própria fortuna. Há sujeitos de estrela feliz para umas coisas e infeliz para outras; uns nasceram para mandar, outros para persuadir, outros para sofrer, outros para executar. Conhecer essa inclinação da sorte é grande parte do governo de si.

Não se force o céu contra a própria natureza. Quem acerta com sua estrela navega com vento; quem a contradiz, cansa-se em remar. A prudência consiste em descobrir onde a fortuna costuma favorecer e ali pôr o esforço.

CXCVII. Nunca embaraçar-se com néscios.

Quem não os conhece é néscio, e mais quem, conhecendo-os, não os evita. São perigosos para o trato superficial e ruinosos para a confiança. Não há segurança onde falta juízo, porque a needade tropeça até no liso.

Pior é o néscio autorizado: com poder, sua ignorância faz dano público. Fuja-se deles quanto possível; e, se a necessidade obriga a sofrê-los, seja com pouca matéria, poucas palavras e muita paciência.

CXCVIII. Saber transplantar-se.

Há terras que fazem frutificar umas plantas e esterilizam outras. Nem todos nascem para o lugar em que nasceram. Alguns se perdem por permanecer onde não têm ocasião, e outros se acham quando mudam de clima, estado ou companhia.

É grande arte conhecer o terreno conveniente. Transplantar-se não é inconstância, quando o sítio antigo é cárcere do mérito. A planta nobre pede chão capaz; o homem de valor, esfera onde possa mostrar-se.

CXCIX. Saber fazer lugar ao prudente, não ao intrometido.

Abrir caminho com mérito é arte; entrar à força é descaro. Há os que se fazem necessários pela substância, e há os que se metem por ruído. O prudente procura ocasião legítima, não invade; merece entrada, não a arromba.

O mundo estima o que chega com conveniência e repele o que entra por atrevimento vulgar. Saiba-se, pois, fazer lugar com tempo, serviço e decoro. O lugar ganho pela prudência dura; o tomado pela intromissão irrita.

CC. Ter o que desejar.

Para não ser infeliz de felicidade. O corpo respira e o espírito aspira. Se tudo se possuísse, tudo seria desengano e fastio. Até o entendimento quer sempre algo mais que conhecer, e a vontade algo mais que lograr.

Convém conservar alguma esperança honesta, algum alvo adiante, algum exercício do desejo. O desejo é alimento da vida quando moderado pela razão. Quem nada tem que desejar começa a sobrar a si mesmo.

Aforismos CCI-CCXXV

CCI. São tolos todos os que o parecem, e metade dos que não o parecem.

A necedade se alçou com o mundo; e, se há alguma sabedoria, é estultícia comparada à do céu. Mas o maior néscio é aquele que não se crê tal e define todos os outros. Para ser sábio não basta parecê-lo, menos ainda parecer sábio a si mesmo.

Sabe aquele que pensa que não sabe; e não vê quem nem vê que os outros veem. Com estar o mundo cheio de néscios, nenhum há que o pense de si, nem sequer o receie.

CCII. Ditos e feitos fazem um varão consumado.

Há de falar o muito bom e obrar o muito honroso: uma coisa é perfeição da cabeça, a outra do coração, e ambas nascem da superioridade do ânimo. As palavras são sombra dos feitos; aquelas são fêmeas, estes varões.

Mais importa ser celebrado que celebrador. É fácil o dizer e difícil o obrar. As façanhas são a substância do viver; as sentenças, o ornato. A eminência nos feitos dura; nos ditos, passa. As ações são fruto das atenções: uns são sábios, outros, valorosos.

CCIII. Conhecer as eminências de seu século.

Não são muitas: uma fênix em todo um mundo, um Grande Capitão, um perfeito orador, um sábio em todo um século, um rei eminente em muitos. As medianias são ordinárias em número e apreço; as eminências, raras em tudo, porque pedem complemento de perfeição; e, quanto mais sublime a categoria, mais dificultoso o extremo.

Muitos tomaram de César e Alexandre os renomes de magnos, mas em vazio, pois sem feitos a voz não é mais que um pouco de ar. Poucos Sênecas houve, e um só Apeles celebrou a fama.

CCIV. O fácil deve ser empreendido como difícil, e o difícil como fácil.

No primeiro caso, para que a confiança não descuide; no segundo, para que a desconfiança não desmaie. Nada mais basta para que uma coisa não se faça do que dá-la por feita; e, ao contrário, a diligência aplaina a impossibilidade.

Os grandes empenhos nem devem ser muito pensados; basta oferecer-se a eles, para que a dificuldade, advertida em excesso, não ocasione o reparo.

CCV. Saber jogar com o desprezo.

É ardil para alcançar as coisas depreciá-las. Comumente não se acham quando se buscam, e depois, ao descuido, vêm à mão. Como todas as coisas de cá são sombra das eternas, participam daquela propriedade da sombra: fogem de quem as segue e perseguem quem delas foge.

Também é o desprezo a mais política vingança. Máxima única de sábios: nunca se defender com a pena, que deixa rastro e vem a ser mais glória da emulação que castigo do atrevimento. Astúcia de indignos: opor-se a grandes homens para serem celebrados por via indireta, já que não o mereciam por direito. Não conheceríamos muitos se os excelentes contrários não fizessem caso deles.

Não há vingança como o esquecimento, que os sepulta no pó de seu nada. Presumem, temerários, fazer-se eternos pondo fogo às maravilhas do mundo e dos séculos. Arte de reformar a murmuração: não fazer caso; impugná-la causa prejuízo e, se lhe dá crédito, descrédito. À emulação, complacência; pois até aquela sombra de desdouro desluz, ainda que não obscureça de todo, a maior perfeição.

CCVI. Saiba-se que há vulgo em toda parte.

Mesmo em Corinto, mesmo na família mais escolhida. Cada um o experimenta dentro de sua própria casa. Mas há vulgo e revulgo, que é pior: o especial tem as mesmas propriedades do comum, como pedaços de espelho quebrado, e ainda mais prejudiciais.

Fala néscio e censura impertinente; grande discípulo da ignorância, padrinho da necedade e aliado da tagarelice. Não se deve atender ao que diz, e menos ao que sente. Importa conhecê-lo para livrar-se dele, ou como parte, ou como objeto. Porque qualquer necedade é vulgaridade, e o vulgo se compõe de néscios.

CCVII. Usar da contenção.

Deve-se estar mais sobre si nos acasos. Os ímpetos das paixões são deslizadouros da prudência, e ali está o risco de perder-se. Avança-se às vezes mais num instante de fúria ou contentamento que em muitas horas de indiferença. Corre-se talvez em breve momento para envergonhar-se depois por toda a vida.

Traça a astuta intenção alheia essas tentações de prudência para descobrir terreno ou ânimo. Vale-se de semelhantes torcedores de segredos, que costumam espremer o maior cabedal. Seja contra-ardil a contenção, e mais ainda nas prontidões. Muita reflexão é necessária para que uma paixão não se desboque, e grande prudente é quem o é a cavalo. Vai com tento quem concebe o perigo. A palavra que parece leve a quem a solta parece pesada a quem a recebe e pondera.

CCVIII. Não morrer de achaque de néscio.

Comumente, os sábios morrem faltos de prudência; ao contrário, os néscios, fartos de conselho. Morrer de néscio é morrer de discorrer demais. Uns morrem porque sentem; outros vivem porque não sentem. Assim, uns são néscios porque não morrem de sentimento, e outros porque morrem dele.

Néscio é quem morre de demasiado entendido. De sorte que uns morrem de entender, e outros vivem de não serem entendidos; mas, embora muitos morram de néscios, poucos néscios morrem.

CCIX. Livrar-se das necessidades comuns.

É prudência bem especial. Estão muito validadas pelo costume, e alguns que não se renderam à ignorância particular não souberam escapar da comum. Vulgaridade é ninguém estar contente com sua sorte, ainda a maior, nem descontente com seu engenho, ainda o pior.

Todos cobiçam, descontentes da própria, a felicidade alheia. Também os de hoje louvam as coisas de ontem, e os daqui as de além. Tudo o passado parece melhor, e tudo o distante é mais estimado. Tão néscio é quem ri de tudo quanto quem de tudo se corrói.

CCX. Saber jogar com a verdade.

É perigosa, mas o homem de bem não pode deixar de dizê-la: aí é necessário o artifício. Os hábeis médicos do ânimo inventaram o modo de adoçá-la, pois, quando toca em desengano, é a quinta essência do amargo.

O bom modo vale-se aqui de sua destreza: com uma mesma verdade um lisonjeia e outro espanca. Deve-se falar aos presentes nos passados. Com o bom entendedor basta insinuar; e, quando nada bastar, entra o caso de emudecer. Os príncipes não se curam com coisas amargas: para isso existe a arte de dourar os desenganos.

CCXI. No Céu tudo é contentamento; no Inferno, tudo pesar.

No mundo, como meio, há um e outro. Estamos entre dois extremos, e assim participamos de ambos. Alternam-se as sortes: nem tudo há de ser felicidade, nem tudo adversidade. Este mundo é um zero: sozinho, nada vale; junto ao Céu, muito.

A indiferença diante de sua variedade é prudência, e não é de sábios espantar-se com a novidade. Vai-se empenhando nossa vida como em comédia; ao fim vem a desenredar-se. Atenção, pois, a acabar bem.

CCXII. Reservar sempre os últimos lances da arte.

É coisa de grandes mestres, que se valem de sua sutileza até no ensiná-la. Sempre se há de ficar superior, e sempre mestre. Deve-se comunicar a arte com arte; nunca se esgotar a fonte do ensinar, assim como nem a do dar.

Com isso se conserva a reputação e a dependência. No agradar e no ensinar, observe-se aquela grande lição de ir sempre cevando a admiração e adiantando a perfeição. A reserva em todas as matérias foi grande regra de viver, de vencer, e mais nos empregos mais sublimes.

CCXIII. Saber contradizer.

É grande ardil para tentar, não para empenhar-se, mas para empenhar o outro. É torcedor único, que faz saltar os afetos. A tibieza em crer é vomitivo dos segredos, chave do peito mais cerrado.

Faz-se com grande sutileza a tentativa dupla da vontade e do juízo. Um desprezo sagaz da palavra misteriosa de outro dá caça aos segredos mais profundos, e vai-os trazendo suavemente à boca até que caíam nas redes do engano artificioso. A detenção do atento faz precipitar-se a reserva alheia e descobre o sentir que de outro modo era coração inescrutável.

Uma dúvida fingida é a mais sutil gazua da curiosidade para saber quanto quiser. E até para aprender é ardil do discípulo contradizer o mestre, que se empenha com mais conato na declaração e fundamento da verdade; de sorte que a impugnação moderada dá ocasião ao ensino completo.

CCXIV. Não fazer de uma necessidade duas.

É muito ordinário, para remendar uma, cometer outras quatro. Desculpar uma impertinência com outra maior é da casta da mentira, ou esta o é da necessidade, pois uma, para sustentar-se, necessita de muitas.

Sempre foi pior o patrocínio de mau pleito que o próprio mal: não saber desmenti-lo. É pensão das imperfeições dar a censo muitas outras. Num descuido pode cair o maior sábio, mas em dois não; e de passagem, não de assento.

CCXV. Atenção ao que chega com segunda intenção.

É ardil do homem negociante descuidar a vontade para acometê-la, pois é vencida sendo convencida. Dissimulam o intento para consegui-lo, e põem-no em segundo lugar para que na execução seja primeiro; assegura-se o tiro no inadvertido.

Mas não durma a atenção quando tão desperta está a intenção; e, se esta se faz segunda para o disfarce, aquela se faça primeira para o conhecimento. Advirta a cautela o artifício com que chega, e note as pontas que vai lançando para vir parar ao ponto de sua pretensão. Propõe uma coisa e pretende outra, e revolve com sutileza

para dar no alvo de sua intenção. Saiba, pois, o que concede; e às vezes convém dar a entender que entendeu.

CCXVI. Ter clareza declarativa.

É não só desembaraço, mas nitidez no conceito. Alguns concebem bem e parem mal, pois, sem claridade, não saem à luz os filhos da alma: conceitos e decretos. Alguns têm a capacidade daquelas vasilhas que recebem muito e comunicam pouco. Ao contrário, outros dizem ainda mais do que sentem.

O que é a resolução na vontade é a explicação no entendimento: duas grandes eminências. Os engenhos claros são plausíveis; os confusos foram venerados por não entendidos, e às vezes convém a obscuridade para não ser vulgar. Mas como os demais farão conceito do que ouvem se não corresponde conceito mental a quem fala daquilo que diz?

CCXVII. Não se deve querer nem aborrecer para sempre.

Confie-se dos amigos de hoje como de inimigos amanhã, e os piores; pois, se isso passa na realidade, passe também na prevenção. Não se devem dar armas aos trânsfugas da amizade, que fazem com elas a maior guerra.

Ao contrário, com os inimigos, mantenha-se sempre porta aberta à reconciliação, e seja a da galanteria: é a mais segura. Já atormentou depois a vingança de antes, e serve de pesar o contentamento da má obra que se fez.

CCXVIII. Nunca agir por teima, mas por atenção.

Toda teima é postema, grande filha da paixão, que nunca obrou coisa direita. Há alguns que tudo reduzem a guerrilha; bandoleiros do trato, em tudo que executam queriam que houvesse vencimento, e não sabem proceder pacificamente. Estes, para mandar e reger, são perniciosos, porque fazem bando do governo e inimigos daqueles que deveriam tratar como filhos.

Tudo querem dispor com traça e conseguir como fruto de seu artifício; mas, ao se lhes descobrir o paradoxo humor, os demais logo se marcam contra eles e procuram estorvar suas quimeras; assim nada conseguem. Levam muitos fartões de enfado, e todos lhes ajudam ao desgosto. Têm o ditame lesado, e talvez danificado o coração. O modo de portar-se com semelhantes monstros é fugir aos antípodas, pois melhor se levará a barbárie daqueles que a ferocidade destes.

CCXIX. Não ser tido por homem de artifício.

Embora já não se possa viver sem ele. Antes prudente que astuto. A lisura no trato agrada a todos, mas nem todos a praticam em sua casa. A sinceridade não dê no

extremo de simplicidade; nem a sagacidade, no de astúcia.

Seja antes venerado como sábio que temido como reflexo. Os sinceros são amados, mas enganados. O maior artifício seja encobri-lo, porque é tido por engano. Floresceu no século de ouro a lhaneza; neste de ferro, a malícia. O crédito de homem que sabe o que há de fazer é honroso e causa confiança; o de artificioso é sofisticado e engendra receio.

CCXX. Quando não puder vestir a pele do leão, vista a da raposa.

Saber ceder ao tempo é exceder. Quem sai com seu intento nunca perde reputação. À falta de força, destreza. Por um caminho ou por outro: ou pela estrada real do valor, ou pelo atalho do artifício.

Mais coisas obrou a manha que a força, e mais vezes venceram os sábios aos valentes que o contrário. Quando não se pode alcançar a coisa, entra o desprezo.

CCXXI. Não ser ocasionado, nem para empenhar-se, nem para empenhar outros.

Há tropeços do decoro, tanto próprio quanto alheio, sempre a ponto de necessidade. Encontram-se com grande facilidade e rompem com infelicidade. Não passam um dia sem cem enfados. Têm o humor ao arrepio, e assim contradizem a quantos e a quanto há.

Calçaram o juízo ao avesso, e por isso tudo reprovam. Mas os maiores tentadores da prudência são os que nada fazem bem e de tudo dizem mal; há muitos monstros no extenso país da impertinência.

CCXXII. Homem detido, evidência de prudente.

É fera a língua: se uma vez se solta, é muito dificultoso tornar a acorrentá-la. É o pulso da alma, por onde os sábios conhecem sua disposição. Aí os atentos tomam o movimento do coração.

O mal é que aquele que mais deveria ser reportado é o menos contido. O sábio escusa enfados e empenhos, e mostra quanto é senhor de si. Proceder circunspecto: Jano na equivalência, Argos na verificação. Melhor teria feito Momo em notar falta de olhos nas mãos que de janelinha no peito.

CCXXIII. Não ser muito singularizado, por afetação ou descuido.

Alguns têm notável individuação, com ações de mania, que são mais defeitos que diferenças. E, assim como alguns são conhecidos por singular fealdade no rosto, estes o são por algum excesso no porte.

Singularizar-se assim não serve senão de nota, com uma especialidade impertinente que move alternadamente em uns o riso, em outros o enfado.

CCXXIV. Saber tomar as coisas.

Nunca pelo avesso, ainda quando venham. Todas têm face e reverso. A melhor e mais favorável, se tomada pelo fio, fere; ao contrário, a mais repugnante defende, se tomada pela empunhadura. Muitas coisas foram de pena que, consideradas pelas conveniências, seriam de contentamento.

Em tudo há convenientes e inconvenientes: a destreza está em saber topar com a comodidade. Uma mesma coisa faz visos muito diferentes se vista a luzes diversas; mire-se pela da felicidade. Não se devem trocar os freios ao bem e ao mal. Daqui procede que alguns em tudo acham contentamento, e outros, pesar. Grande reparo contra os reveses da fortuna, e grande regra de viver para todo tempo e todo emprego.

CCXXV. Conhecer seu defeito rei.

Ninguém vive sem ele, contrapeso da prenda relevante; e, se a inclinação o favorece, apodera-se como tirano. Comece-se a fazer-lhe guerra publicando o cuidado contra ele; e o primeiro passo seja manifestá-lo, pois, sendo conhecido, estará meio vencido, e mais se o interessado faz dele o mesmo conceito que os que o notam.

Para ser senhor de si é necessário ir sobre si. Rendido esse cabo de imperfeições, acabarão todas.

Aforismos CCXXVI-CCL

CCXXVI. Atenção ao obrigador.

A maioria não fala nem obra como é, mas como se vê obrigada. Para persuadir o mau, qualquer um sobra, porque o mau é muito crido, ainda quando incrível. O mais e o melhor que temos depende do respeito alheio.

Alguns se contentam em ter a razão de seu lado; mas não basta: é preciso ajudá-la com diligência. Custa às vezes muito pouco obrigar, e vale muito. Com palavras se compram obras. Não há alfaias tão vis nesta grande casa do universo que uma vez ao ano não sejam necessárias; e, ainda que valham pouco, farão grande falta. Cada um fala do objeto segundo seu afeto.

CCXXVII. Não ser de primeira impressão.

Alguns se casam com a primeira informação, de sorte que as demais ficam como concubinas; e, como a mentira costuma adiantar-se, não resta depois lugar para a verdade. Nem a vontade se deve encher com o primeiro objeto, nem o entendimento com a primeira proposição, pois isso é pobreza de fundo.

Alguns têm a capacidade de vasilha nova, que o primeiro odor ocupa, tanto do mau licor quanto do bom. Quando essa estreiteza se torna conhecida, é perniciosa, porque dá pé à indústria maliciosa. Previnem-se os mal-intencionados a tingir de sua cor a credulidade. Fique sempre lugar para a revista: guarde Alexandre a outra orelha para a outra parte. Haja espaço para a segunda e a terceira informação. Impressionar-se argui incapacidade, e está perto de apaixonar-se.

CCXXVIII. Não ter voz de má voz.

Muito menos ter tal opinião, que é fama de contrafamas. Não seja engenhoso à custa alheia, pois isso é mais odioso que difícil. Todos se vingam dele falando mal dele; e, como ele é só e eles muitos, mais depressa será ele vencido que eles convencidos.

O mau nunca deve contentar, mas nem comentar. O murmurador é para sempre aborrecido; e, embora às vezes personagens grandes atravessem com ele, será mais por gosto de sua físga que por estima de sua prudência. Quem sempre fala mal sempre ouve pior.

CCXXIX. Saber repartir a vida com discrição.

Não conforme vêm as ocasiões, mas por providência e escolha. É penosa a vida sem descansos, como longa jornada sem pousos. Torna-a ditosa a variedade erudita.

Gaste-se a primeira estância do belo viver em falar com os mortos: nascemos para saber e saber-nos, e os livros com fidelidade nos fazem pessoas.

A segunda jornada se empregue com os vivos: ver e registrar tudo o que há de bom no mundo. Nem todas as coisas se acham numa só terra; repartiu os dotes o Pai universal, e às vezes enriqueceu mais a feia. A terceira jornada seja toda para si: última felicidade, o filosofar.

CCXXX. Abrir os olhos a tempo.

Nem todos os que veem abriam os olhos, nem todos os que olham veem. Dar-se conta tarde não serve de remédio, mas de pesar. Alguns começam a ver quando já não há o que ver: desfizeram suas casas e suas coisas antes de se fazerem a si mesmos.

É dificultoso dar entendimento a quem não tem vontade, e mais ainda dar vontade a quem não tem entendimento. Brincam com eles os que os rodeiam como com cegos, para riso dos demais. E, porque são surdos para ouvir, não abrem os olhos para ver. Mas não falta quem fomente essa insensibilidade, pois seu ser consiste em que eles não sejam. Infeliz cavalo cujo dono não tem olhos: mal engordará.

CCXXXI. Nunca permitir que se vejam as coisas a meio fazer.

Gozem-se em sua perfeição. Todos os princípios são informes, e fica depois a imaginação daquela deformidade: a memória de tê-lo visto imperfeito não deixa lograr o acabado. Gozar de um golpe o objeto grande, embora embarace o juízo das partes, adequa por si o gosto.

Antes de ser tudo, é nada; e, ao começar a ser, ainda está muito dentro de seu nada. Ver cozinhar o manjar mais regalado serve antes ao asco que ao apetite. Recate-se, pois, todo grande mestre de que lhe vejam as obras em embrião. Aprenda da natureza a não expô-las até que possam parecer.

CCXXXII. Ter um ponto de negociante.

Nem tudo seja especulação; haja também ação. Os muito sábios são fáceis de enganar, porque, embora saibam o extraordinário, ignoram o ordinário do viver, que é mais preciso. A contemplação das coisas sublimes não lhes dá lugar para as manuais; e, como ignoram o primeiro que deveriam saber, aquilo em que todos partem um fio de cabelo, ou são admirados, ou tidos por ignorantes pelo vulgo superficial.

Procure, pois, o varão sábio ter algo de negociante, o bastante para não ser enganado, nem ridicularizado. Seja homem do agível, que, embora não seja o superior, é o mais preciso do viver. De que serve o saber, se não é prático? E saber viver é hoje o verdadeiro saber.

CCXXXIII. Não errar o golpe ao gosto.

Pois é fazer pesar por prazer. Com aquilo com que alguns pensam obrigar, enfadam, por não compreender os gênios. Há obras que para uns são lisonja e para outros ofensa; e o que se julgou serviço foi agravo.

Custou às vezes mais dar desgosto do que teria custado fazer prazer. Perdem o agradecimento e o dom porque perderam o norte do agradar. Se não se conhece o gênio alheio, mal se poderá satisfazê-lo. Daí que alguns pensaram dizer elogio e disseram vitupério, merecido castigo. Outros pensam entreter com sua eloquência e espancam a alma com sua loquacidade.

CCXXXIV. Nunca fiar reputação sem penhores de honra alheia.

Deve-se participar do proveito no silêncio e do dano na facilidade. Em interesses de honra, o trato há de ser sempre de companhia, de sorte que a reputação própria faça cuidar da alheia.

Nunca se deve fiar; mas, se alguma vez, seja com tal arte que a prudência possa ceder à cautela. Seja o risco comum e recíproca a causa, para que não se converta em testemunha aquele que se reconhece partícipe.

CCXXXV. Saber pedir.

Não há coisa mais difícil para alguns, nem mais fácil para outros. Há uns que não sabem negar; com estes não é preciso gazua. Há outros cujo não é a primeira palavra a todas as horas; com estes é necessária a indústria.

E com todos, a sação: colher os espíritos alegres, ou pelo pasto antecedente do corpo, ou pelo do ânimo. Se a atenção reflexa de quem é solicitado não previne a sutileza de quem intenta, os dias de gozo são os de favor, que redundam do interior ao exterior. Não se deve chegar quando se vê negarem a outro, pois está perdido o medo ao não. Sobre tristeza não há bom lance. Obrigar de antemão é câmbio onde não corresponde a vileza.

CCXXXVI. Fazer obrigação antes do que havia de ser prêmio depois.

É destreza de grandes políticos. Favores antes dos méritos são prova de homens de obrigação. O favor antecipado tem duas eminências: pela prontidão de quem dá, obriga mais a quem recebe. Um mesmo dom, se depois é dívida, antes é empenho.

Sutil modo de transformar obrigações: a que havia de estar no superior, para premiar, recai no obrigado, para satisfazer. Isto se entende com gente de obrigações;

para homens vis, antecipar a paga da honra seria pôr freio, não espora.

CCXXXVII. Nunca repartir segredos com maiores.

Pensará repartir peras e repartirá pedras. Muitos pereceram por confidentes. São estes como colher de pão, que depois corre o mesmo risco. Não é favor do príncipe, mas encargo, comunicá-lo.

Muitos quebram o espelho porque lhes lembra a fealdade. Não pode ver quem o pôde ver, nem é bem visto quem viu mal. A ninguém se deve ter muito obrigado, e ao poderoso menos. Seja antes com benefícios feitos que com favores recebidos. Sobretudo são perigosas as confianças de amizade. Quem comunicou seus segredos a outro fez-se escravo dele; e, em soberanos, isso é violência que não pode durar. Desejam redimir a liberdade perdida, e para isso atropelarão tudo, até a razão. Segredos, pois, nem ouvi-los, nem dizê-los.

CCXXXVIII. Conhecer a peça que falta.

Muitos seriam muito pessoas se não lhes faltasse um algo, sem o qual nunca chegam ao cúmulo do perfeito ser. Nota-se em alguns que poderiam ser muito se reparassem em bem pouco. Falta-lhes a seriedade, com que desluzem grandes prendas; a outros, a suavidade da condição, falta que os familiares logo sentem, e mais em pessoas de posto.

Em alguns se deseja o executivo; em outros, o reportado. Todos esses desaires, se advertidos, poderiam suprir-se com facilidade, pois o cuidado pode fazer do costume segunda natureza.

CCXXXIX. Não ser agudíssimo.

Mais importa ser prudencial. Saber mais do que convém é despontar, porque as sutilezas comumente quebram. Mais segura é a verdade assentada. Bom é ter entendimento, mas não pedantaria.

O muito discorrer miúdo é ramo de questão. Melhor é um bom juízo substancial, que não discorre além do que importa.

CCXL. Saber usar da necessidade.

O maior sábio joga às vezes essa peça, e há ocasiões em que o melhor saber consiste em mostrar não saber. Não se deve ignorar, mas sim afetar que se ignora. Com os néscios pouco importa ser sábio, e com os loucos, cordato: deve-se falar a cada um em sua linguagem.

Não é néscio quem afeta a necessidade, mas quem a padece. A simples o é, não a dobrada, pois até isso alcança o artifício. Para ser bem-quisto, o único meio é vestir a

pele do mais simples dos brutos.

CCXLI. As burlas, sofrê-las; não usá-las.

Aquilo é espécie de galanteria; isto, de empenho. Quem numa festa muito se desazona tem algo de bruto, e mostra mais. É gostosa a burla; saber sofrê-la bastante é argumento de capacidade. Quem se pica dá pé para que o repiquem.

O melhor é deixá-las, e o mais seguro é não levantá-las: as maiores verdades nasceram sempre das burlas. Não há coisa que peça mais atenção e destreza. Antes de começar, deve-se saber até que ponto de sofrer chegará o gênio do sujeito.

CCXLII. Seguir os alcances.

Tudo se vai a alguns em começar, e nada acabam. Inventam, mas não prosseguem: instabilidade de gênio. Nunca conseguem louvor, porque nada continuam; tudo para em parar.

Se em alguns nasce de impaciência de ânimo, defeito de espanhóis, a paciência é vantagem dos belgas. Estes acabam as coisas; aqueles acabam com elas. Até vencer a dificuldade, suam, e contentam-se com vencer; não sabem levar ao cabo a vitória. Provam que podem, mas não querem. Sempre, porém, é defeito, de impossibilidade ou leviandade. Se a obra é boa, por que não se acaba? E, se é má, por que se começou? Mate, pois, o sagaz a caça; não se lhe vá tudo em levantá-la.

CCXLIII. Não ser todo pomba.

Alternem-se a cautela da serpente com a candura da pomba. Nada é mais fácil que enganar um homem de bem. Crê muito quem nunca mente, e confia muito quem nunca engana. Nem sempre procede de néscio o ser enganado; às vezes procede de bom.

Duas espécies de pessoas previnem muito os danos: os escarmentados, que o são muito à própria custa, e os astutos, que o são muito à alheia. Mostre-se tão extremada a sagacidade para o receio quanto a astúcia para o enredo; e não queira alguém ser tão homem de bem que dê ocasião ao outro de ser mau. Seja misto de pomba e serpente; não monstro, mas prodígio.

CCXLIV. Saber obrigar.

Alguns transformam o favor próprio em alheio, e parece, ou dão a entender, que fazem mercê quando a recebem. Há homens tão advertidos que honram pedindo e trocam o proveito seu em honra do outro. De tal sorte traçam as coisas que pareça que os outros lhes fazem serviço quando lhes dão, invertendo com extravagante política a ordem do obrigar.

Ao menos põem em dúvida quem faz favor a quem. Compram a preço de louvores o melhor, e do mostrar gosto por uma coisa fazem honra e lisonja. Empenham a cortesia, fazendo dívida do que havia de ser seu agradecimento. Assim trocam a obrigação de passiva em ativa, melhores políticos que gramáticos. Grande sutileza esta; maior seria entendê-la, destrocando a necedade, devolvendo-lhes sua honra e cobrando cada um seu proveito.

CCXLV. Discorrer às vezes de modo singular e fora do comum.

Argui superioridade de cabedal. Não se deve estimar quem nunca se lhe opõe, pois não é sinal do amor que lhe tem, mas do que tem a si mesmo. Não se deixe enganar pela lisonja pagando-a; antes condenando-a.

Também tenha por crédito ser murmurado por alguns, e mais por aqueles que de todos os bons dizem mal. Pese-lhe que suas coisas agradem a todos, pois é sinal de não serem boas: o perfeito é de poucos.

CCXLVI. Nunca dar satisfação a quem não a pedia.

E, ainda quando se peça, é espécie de delito se for demasiada. Escusar-se antes da ocasião é culpar-se; sangrar-se em saúde é fazer sinal ao mal e à malícia. A desculpa antecipada desperta o receio que dormia.

Nem deve o prudente dar-se por entendido da suspeita alheia, que é sair a buscar o agravo. Deve então procurar desmenti-la com a inteireza de seu proceder.

CCXLVII. Saber um pouco mais e viver um pouco menos.

Outros discorrem ao contrário. Mais vale o bom ócio que o negócio. Não temos coisa nossa senão o tempo. Onde vive quem não tem lugar? Igual infelicidade é gastar a preciosa vida em tarefas mecânicas e em demasia de sublimes.

Não se deve carregar de ocupações, nem de inveja: é atropelar o viver e afogar o ânimo. Alguns estendem isso ao saber; mas não se vive se não se sabe.

CCXLVIII. Não se deixar levar pelo último.

Há homens de última informação, e por extremos vai a impertinência. Têm o sentir e o querer de cera. O último selo imprime e apaga os demais. Esses nunca estão ganhos, porque com a mesma facilidade se perdem.

Cada um os tinge de sua cor. São maus para confidentes, crianças por toda a vida; e assim, com variedade nos juízos e afetos, andam flutuando, sempre coxos de vontade e de juízo, inclinando-se ora para uma, ora para outra parte.

CCXLIX. Não começar a viver por onde se deve acabar.

Alguns tomam o descanso no princípio e deixam a fadiga para o fim. Primeiro deve ser o essencial; depois, se houver lugar, o acessório. Outros querem triunfar antes de pelear.

Alguns começam a saber pelo que menos importa, e deixam os estudos de crédito e utilidade para quando se lhes acaba o viver. Um ainda não começou a fazer fortuna quando já se desvanece. É essencial o método para saber e poder viver.

CCL. Quando se deve discorrer ao contrário? Quando nos falamos com malícia.

Com alguns, tudo há de ir ao inverso. O sim é não, e o não é sim. Falar mal de uma coisa tem-se por estima dela, pois quem a quer para si a desacredita para os outros.

Nem todo louvar é dizer bem; alguns, para não louvar os bons, louvam também os maus. E, para quem ninguém é mau, ninguém será bom.

Aforismos CCLI-CCLXXV

CCLI. Devem-se procurar os meios humanos como se não houvesse divinos, e os divinos como se não houvesse humanos.

Regra de grande mestre; não há que acrescentar comentário.

CCLII. Nem todo seu, nem todo alheio.

É vulgar tirania. Do querer-se todo para si segue-se logo querer todas as coisas para si. Estes não sabem ceder no mínimo, nem perder um ponto de sua comodidade. Obrigam pouco, fiam-se em sua fortuna, e costuma falhar-lhes o arrimo.

Convém às vezes ser de outros para que os outros sejam dele; e quem tem cargo comum há de ser escravo comum, ou renuncie o cargo com a carga. Ao contrário, outros são todos alheios, pois a needade sempre vai por demasias, e aqui infeliz: não têm dia, nem sequer hora sua, com tal excesso de serem dos outros que alguém foi chamado “o de todos”.

Até no entendimento: sabem para todos e para si ignoram. Entenda o atento que ninguém o busca a ele, mas seu interesse nele, ou por ele.

CCLIII. Não se aplainar demais no conceito.

A maioria não estima o que entende, e venera o que não percebe. As coisas, para serem estimadas, devem custar. Será celebrado quando não for entendido. Sempre se deve mostrar alguém mais sábio e prudente do que requer aquele com quem trata, para o conceito, mas com proporção, mais que excesso.

E, embora com os entendidos valha muito o siso em tudo, para a maioria é necessário algum remonte. Não se lhes deve dar lugar à censura; ocupe-os em entender. Muitos louvam o que, se perguntados, não sabem explicar. Por quê? Tudo o recôndito veneram como mistério e celebram porque ouvem celebrar.

CCLIV. Não desprezar o mal por pequeno, pois nunca vem um só.

Andam encadeados, assim como as felicidades. A ventura e a desventura vão de ordinário para onde mais há; e é que todos fogem do desditoso e se encostam ao venturoso. Até as pombas, com toda sua singeleza, acodem ao pombal mais branco.

Tudo vem a faltar ao desditoso: ele mesmo a si, o discurso e o conorte. Não se deve despertar a desgraça quando dorme. Pouco é um deslize, mas segue-se aquele fatal despenho, sem saber onde se virá a parar; pois, assim como nenhum bem foi de todo

completo, nenhum mal é de todo acabado. Para o que vem do céu, paciência; para o que vem do chão, prudência.

CCLV. Saber fazer o bem.

Pouco, e muitas vezes. Nunca deve o empenho exceder a possibilidade. Quem dá muito não dá, vende. Não se deve esgotar o agradecimento; quando se vê impossibilitado, quebrará a correspondência. Não é preciso mais para perder muitos que obrigá-los em demasia.

Por não pagar, retiram-se, e dão em inimigos de obrigados. O ídolo nunca quereria ver diante de si o escultor que o lavrou; nem o empenhado, seu benfeitor aos olhos. Grande sutileza do dar: que custe pouco e se deseje muito, para que se estime mais.

CCLVI. Ir sempre prevenido.

Contra os descortes, porfiados, presumidos e todo gênero de néscios. Encontram-se muitos, e a prudência está em não encontrar-se com eles. Arme-se cada dia de propósitos ao espelho de sua atenção, e assim vencerá os lances da necedade.

Vá sobre o caso, e não exporá sua reputação a contingências vulgares: varão prevenido de prudência não será combatido pela impertinência. É dificultoso o rumo do trato humano, por estar cheio de escolhos do descrédito; desviar-se é o seguro, consultando Ulisses em astúcia. Vale aqui muito o deslizar artificioso. Sobretudo, vá pela galanteria, que é o único atalho dos empenhos.

CCLVII. Nunca chegar ao rompimento.

Sempre sai dele escalavrada a reputação. Qualquer um vale para inimigo, não assim para amigo. Poucos podem fazer bem, e quase todos mal. Não aninha segura a água no próprio seio de Júpiter no dia em que rompe com um escaravelho: com a garra do declarado, os dissimulados atizam o fogo, pois estavam à espera da ocasião.

Dos amigos maleados saem os piores inimigos; carregam com os defeitos alheios o próprio afeto. Dos que olham, cada um fala como sente e sente como deseja, condenando todos, ou nos princípios por falta de providência, ou nos fins por demora, e sempre por falta de prudência. Se for inevitável o desvio, seja escusável, antes com tibieza de favor que com violência de furor. E aqui vem bem uma bela retirada.

CCLVIII. Buscar quem ajude a levar as infelicidades.

Nunca será só, e menos nos riscos, pois isso seria carregar-se com todo o ódio. Alguns pensam alçar-se com toda a superintendência e alçam-se com toda a

murmuração. Desta sorte terá quem o desculpe ou quem ajude a levar o mal.

Não se atrevem tão facilmente contra dois nem a fortuna nem a vulgaridade. Por isso o médico sagaz, ainda que tenha errado a cura, não erra em buscar quem, a título de consulta, o ajude a levar o ataúde. Reparte-se o peso e o pesar, pois a desdita a sós se redobra até o intolerável.

CCLIX. Prevenir as injúrias e fazer delas favores.

Mais sagacidade é evitá-las que vingá-las. É grande destreza fazer confidente daquele que havia de ser êmulo, converter em reparos de sua reputação os que a ameaçavam com tiros.

Muito vale saber obrigar: tira tempo para o agravo quem o ocupou com o agradecimento. É saber viver converter em prazeres os que haviam de ser pesares. Faça-se confiança da própria malevolência.

CCLX. Nem será, nem terá a ninguém, todo por seu.

Não bastam o sangue, nem a amizade, nem a obrigação mais apertada, pois há grande diferença entre entregar o peito e entregar a vontade. A maior união admite exceção; nem por isso se ofendem as leis da fineza.

Sempre reserva algum segredo para si o amigo, e até o filho se recata em algo do pai. De umas coisas se guardam com uns, comunicando-as a outros, e ao contrário; com isso se vem a conceder tudo e negar tudo, distinguindo os termos da correspondência.

CCLXI. Não prosseguir a necessidade.

Alguns fazem empenho do desacerto e, porque começaram a errar, parece-lhes constância prosseguir. Acusam no foro interno seu erro e no externo o desculpam; assim, se quando começaram a necessidade foram notados de inadvertidos, ao prosseguir-la são confirmados em néscios.

Nem a promessa inconsiderada nem a resolução errada induzem obrigação. Desse modo alguns continuam sua primeira grosseria e levam adiante sua estreiteza: querem ser constantes impertinentes.

CCLXII. Saber esquecer.

É mais felicidade que arte. As coisas mais para serem esquecidas são as mais lembradas. Não só é vilã a memória por faltar quando mais era necessária, mas néscia por acudir quando não convinha: naquilo que há de dar pena é prolixa, e naquilo que deveria dar gosto é descuidada.

Às vezes o remédio do mal consiste em esquecer-lo, e esquece-se o remédio. Convém, pois, habitué-la a costumes tão cômodos, porque basta para dar felicidade ou inferno. Excetuam-se os satisfeitos, que no estado de sua inocência gozam de sua simples felicidade.

CCLXIII. Muitas coisas de gosto não se devem possuir em propriedade.

Gozam-se mais alheias que próprias. O primeiro dia é o bom para seu dono; os demais, para os estranhos. Gozam-se as coisas alheias com dobrada fruição: sem o risco do dano e com o gosto da novidade. Tudo sabe melhor à privação: até a água alheia finge ser néctar.

Ter as coisas, além de diminuir a fruição, aumenta o enfado, tanto de emprestá-las quanto de não emprestá-las. Não serve senão para mantê-las para outros, e são mais os inimigos que se ganham que os agradecidos.

CCLXIV. Não tenha dias de descuido.

A sorte gosta de pregar uma burla, e atropelará todas as contingências para apanhar desprevenido. Sempre devem estar à prova o engenho, a prudência e o valor; até a beleza, porque o dia de sua confiança será o de seu descrédito.

Quando mais foi necessário o cuidado, sempre faltou, pois o não pensar é a rasteira do perecer. Também costuma ser estratagemas da atenção alheia apanhar ao descuido as perfeições para o rigoroso exame do apreço. Já se conhecem os dias da ostentação, e a astúcia os perdoa; mas o dia que menos se esperava, esse escolhe para a tentativa do valor.

CCLXV. Saber empenhar os dependentes.

Um empenho em sua ocasião fez pessoas a muitos, assim como um aperto tira nadadores. Dessa sorte muitos descobriram o valor, e até o saber, que ficaria sepultado em seu acanhamento se não se oferecesse a ocasião.

Os apertos são lances de reputação, e, posto o nobre em contingências de honra, obra por mil. Soube com eminência essa lição de empenhar a católica rainha Isabel, como todas as demais; e a esse político favor deveu o Grande Capitão seu renome, e muitos outros sua fama eterna: fez grandes homens com essa sutileza.

CCLXVI. Não ser mau de tão bom.

É-o aquele que nunca se irrita: têm pouco de pessoas os insensíveis. Nem sempre nasce de indolência, mas de incapacidade. Um sentimento em sua ocasião é ato pessoal. Logo zombam as aves das aparências de espantelhos.

Alternar o acre com o doce é prova de bom gosto: só doçura é para crianças e néscios. Grande mal é perder-se de puro bom, nesse sentido de insensibilidade.

CCLXVII. Palavras de seda, com suavidade de condição.

As setas atravessam o corpo; as más palavras, a alma. Uma boa pasta faz a boca cheirar bem. Grande sutileza do viver: saber vender o ar. A maioria das coisas se paga com palavras, e bastam elas para desempenhar uma impossibilidade.

Negocia-se no ar com o ar, e muito alenta o alento soberano. Sempre se deve levar a boca cheia de açúcar para confeitara palavras, que sabem bem aos próprios inimigos. O único meio de ser amável é ser aprazível.

CCLXVIII. Faça o prudente no princípio o que o néscio faz no fim.

O mesmo obra um e outro; só diferem nos tempos: aquele em sua sazão, este fora dela. Quem no princípio calçou o entendimento ao avesso prossegue assim em todo o resto: leva entre os pés o que devia pôr sobre a cabeça; faz esquerda da direita, e por isso é tão canhoto em todo o proceder.

Só há uma boa maneira de cair em si. Os néscios fazem por força o que poderiam ter feito de grado; mas o discreto logo vê o que se há de fazer, cedo ou tarde, e o executa com gosto e reputação.

CCLXIX. Valha-se de sua novidade.

Enquanto for novo, será estimado. Apraz universalmente a novidade, pela variedade; refresca-se o gosto, e estima-se mais uma mediania flamante que um extremo acostumado. Gastam-se as eminências e vêm a envelhecer.

Advirta, porém, que durará pouco essa glória da novidade: em quatro dias lhe perderão o respeito. Saiba, pois, valer-se dessas primícias da estima e tirar, na fuga do agradar, tudo o que puder pretender; porque, se passa o calor do recente, esfriará a paixão, e o agrado de novo se trocará em enfado de acostumado. Creia que tudo teve também sua vez, e que passou.

CCLXX. Não condenar sozinho o que agrada a muitos.

Algo há de bom, pois satisfaz a tantos; e, embora não se explique, se goza. A singularidade sempre é odiosa; quando errônea, ridícula. Antes desacreditará seu mau conceito que o objeto; ficará só com seu mau gosto.

Se não sabe topar com o bom, dissimule sua estreiteza e não condene a vulto, pois o mau gosto ordinariamente nasce da ignorância. O que todos dizem, ou é, ou quer ser.

CCLXXI. Quem souber pouco, atenha-se sempre ao mais seguro.

Em toda profissão; porque, ainda que não o tenham por sutil, tê-lo-ão por fundamental. Quem sabe pode empenhar-se e obrar de fantasia; mas saber pouco e arriscar-se é precipício voluntário.

Atenha-se sempre à mão direita, pois não pode falhar o assentado. A pouco saber, caminho real; e, por toda lei, tanto do saber quanto do ignorar, é mais prudente a segurança que a singularidade.

CCLXXII. Vender as coisas a preço de cortesia.

É obrigar mais. Nunca chegará o pedir do interessado ao dar do generoso obrigado. A cortesia não dá, empenha; e a galanteria é a maior obrigação. Não há coisa mais cara para o homem de bem que a que se lhe dá: é vendê-la duas vezes, e por dois preços, o do valor e o da cortesia.

Verdade é que para o ruim a galanteria é algaravia, porque não entende os termos do bom termo.

CCLXXIII. Compreensão dos gênios com quem trata.

Para conhecer os intentos. Bem conhecida a causa, conhece-se o efeito, primeiro nela e depois em seu motivo. O melancólico sempre agoura infelicidades, e o maledicente, culpas: tudo o pior se lhes oferece, e, não percebendo o bem presente, anunciam o possível mal.

O apaixonado sempre fala com outra linguagem, diferente do que as coisas são; fala nele a paixão, não a razão. E cada um segundo seu afeto ou humor, todos muito longe da verdade. Saiba decifrar um semblante e soletrar a alma nos sinais. Conheça por falso quem sempre ri, e por falso quem nunca ri. Recate-se do perguntador, ou por fácil, ou por notador. Espere pouco bem do de mau gesto, pois estes costumam vingar-se da natureza; e, assim como ela os honrou pouco, pouco a honram eles. Tanta costuma ser a necessidade quanta for a formosura.

CCLXXIV. Ter atrativo.

É um feitiço politicamente cortês. Sirva o gancho galante mais para atrair vontades que utilidades, ou para tudo. Não bastam méritos se não se valem do agrado, que dá plausibilidade, o mais prático instrumento da soberania.

Um cair em graça é sorte, mas socorre-se do artifício; onde há grande natural, assenta melhor o artificial. Daqui se origina a piedosa afeição, até conseguir a graça universal.

CCLXXV. Corrente, mas não indecente.

Não esteja sempre de figura e de enfado; é ramo de galanteria. Deve-se ceder em algo ao decoro para ganhar a afeição comum. Alguma vez pode passar por onde passam os mais, mas sem indecência, pois quem é tido por néscio em público não será tido por prudente em segredo.

Mais se perde em um dia genial que se ganhou em toda a seriedade. Mas não se deve estar sempre de exceção: ser singular é condenar os outros; menos ainda afetar melindres, que se deixem para seu sexo. Até os espirituais são ridículos. O melhor de um homem é parecê-lo; a mulher pode afetar com perfeição o varonil, e não o contrário.

Aforismos CCLXXVI-CCC

CCLXXVI. Saber renovar o gênio com a natureza e com a arte.

De sete em sete anos dizem que muda a condição: seja para melhorar e realçar o gosto. Aos primeiros sete entra a razão; depois, a cada lustro, entre uma nova perfeição. Observe-se essa variedade natural para ajudá-la e esperar também dos outros a melhoria.

Daqui vem que muitos mudaram de porte, ou com o estado, ou com o emprego; e às vezes não se adverte, até que se vê, o excesso da mudança. Aos vinte anos será pavão; aos trinta, leão; aos quarenta, camelo; aos cinquenta, serpente; aos sessenta, cão; aos setenta, macaco; e aos oitenta, nada.

CCLXXVII. Homem de ostentação.

É o luzimento das prendas. Há ocasião para cada uma: aproveite-se, pois nem todo dia será o de seu triunfo. Há sujeitos bizarros em quem o pouco luz muito, e o muito chega a admirar. Quando a ostentação se junta à eminência, passa por prodígio.

Há nações ostentosas, e a espanhola o é com superioridade. A luz foi pronto luzimento de tudo o criado. Muito enche o ostentar, muito supre e dá um segundo ser a tudo, mais ainda quando a realidade o afiança. O céu, que dá a perfeição, previne a ostentação, pois qualquer uma delas sozinha seria violenta.

É preciso arte no ostentar: até o muito excelente depende de circunstâncias e nem sempre tem vez. Sai mal a ostentação quando lhe falta a sazão. Nenhum realce pede ser menos afetado, e sempre perece desse desaire, porque está muito à beira da vaidade, e esta, do desprezo. Há de ser muito temperada para não dar no vulgar; e, entre prudentes, seu excesso está algo desacreditado.

Consiste às vezes mais numa eloquência muda, num mostrar a perfeição ao descuido. O sábio disfarce é o mais plausível alarde, porque aquela própria privação atíça no mais vivo a curiosidade. Grande destreza é não descobrir toda a perfeição de uma vez, mas ir pintando-a por sinais e sempre adiantando: que um realce seja empenho de outro maior, e o aplauso do primeiro, nova expectativa dos demais.

CCLXXVIII. Fugir da nota em tudo.

Porque, sendo notados, serão defeitos os próprios realces. Nasce isso da singularidade, que sempre foi censurada; fica só o singular. Até o lindo, se sobressai, é descrédito; fazendo reparar, ofende, e muito mais as singularidades desautorizadas.

Mas até nos próprios vícios querem alguns ser conhecidos, buscando novidade na ruindade para conseguir tão infame fama. Até no entendido, o excessivo degenera em pedantaria.

CCLXXIX. Não dizer ao contradizer.

É preciso diferenciar quando procede de astúcia e quando de vulgaridade. Nem sempre é porfia; às vezes é artifício. Atenção, pois, a não empenhar-se numa nem despenhar-se na outra.

Não há cuidado mais logrado que o de espíões; e, contra a gazuia dos ânimos, não há melhor contra-ardil que deixar por dentro a chave do recato.

CCLXXX. Homem de lei.

Está acabado o bom proceder, andam desmentidas as obrigações, há poucas correspondências boas: ao melhor serviço, o pior galardão, já a uso de todo o mundo. Há nações inteiras propensas ao mau trato: de umas se teme sempre a traição; de outras, a inconstância; e de outras, o engano.

Sirva, pois, a má correspondência alheia não para imitação, mas para cautela. O risco é desencaixar a inteireza à vista do procedimento ruim. Mas o varão de lei nunca se esquece de quem é por aquilo que os outros são.

CCLXXXI. Graça dos entendidos.

Mais se estima o morno sim de um varão singular que todo um aplauso comum, pois arrotos de palha não alentam. Os sábios falam com o entendimento, e por isso seu louvor causa uma satisfação imortal.

O judicioso Antígono reduziu todo o teatro de sua fama a Zenão só, e Platão chamava Aristóteles de toda a sua escola. Alguns cuidam apenas de encher o estômago, ainda que de broza vulgar. Até os soberanos precisam dos que escrevem, e temam mais suas penas que as feias os pincéis.

CCLXXXII. Usar da ausência.

Ou para o respeito, ou para a estima. Se a presença diminui a fama, a ausência a aumenta. Quem ausente foi tido por leão, presente foi ridículo parto dos montes. Desluzem-se as prendas quando se roçam, porque se vê antes a casca exterior que a muita substância do ânimo.

A imaginação adianta-se mais que a vista; e o engano, que entra de ordinário pelo ouvido, vem a sair pelos olhos. Quem se conserva no centro de sua opinião conserva a reputação; até a fênix se vale do retiro para o decore, e do desejo para o apreço.

CCLXXXIII. Homem de inventiva prudente.

Argui excesso de engenho, mas qual haverá sem seu grão de demência? A inventiva é dos engenhosos; a boa escolha, dos prudentes. Também é de graça, e mais rara, porque muitos conseguiram escolher bem; inventar bem, poucos, e os primeiros em excelência e em tempo.

A novidade é lisonjeira; e, se feliz, dá dois realces ao bom. Nos assuntos de juízo é perigosa pelo paradoxo; nos do engenho, louvável; e, se acertadas, uma e outra plausíveis.

CCLXXXIV. Não seja intrometido, e não será desairado.

Estime-se, se quiser que o estimem. Seja antes avaro que pródigo de si. Chegue desejado, e será bem recebido. Nunca venha senão chamado, nem vá senão enviado.

Quem se empenha por si, se sai mal, carrega todo o ódio sobre si; se sai bem, não consegue o agradecimento. O intrometido é alvo de desprezos, e, pelo mesmo com que se introduz com desvergonha, é tripulado em confusão.

CCLXXXV. Não perecer de desdita alheia.

Conheça quem está no lodo, e note que o chamará para fazer consolo do mal recíproco. Buscam quem os ajude a levar a desdita; e aqueles que na prosperidade lhe davam as costas, agora lhe dão a mão.

É necessário grande tento com os que se afogam, para acudir ao remédio sem perigo.

CCLXXXVI. Não se deixar obrigar de todo, nem por todos.

Isso seria ser escravo e comum. Nasceram uns mais ditosos que outros: aqueles para fazer o bem, estes para recebê-lo. Mais preciosa é a liberdade que a dádiva, porque se perde.

Goste mais de que muitos dependam dele do que de depender ele de um só. O mando não tem outra comodidade senão poder fazer mais bem. Sobretudo, não tenha por favor a obrigação em que se mete; as mais vezes a diligenciará a astúcia alheia para preveni-lo.

CCLXXXVII. Nunca agir apaixonado.

Tudo errará. Não obre por si quem não está em si, e a paixão sempre desterra a razão. Substitua então um terceiro prudente, que o será se estiver desapaixonado: sempre veem mais os que olham que os que jogam, porque não se apaixonam.

Ao conhecer-se alterado, toque a retirar a prudência, para que não acabe de acender-se o sangue. Do contrário, tudo executará sangrento, e em pouco tempo dará matéria para muitos dias de confusão sua e murmuração alheia.

CCLXXXVIII. Viver à ocasião.

O governar, o discorrer, tudo há de ser conforme o caso. Querer quando se pode, pois a sazão e o tempo não esperam ninguém. Não vá por generalidades no viver, a não ser em favor da virtude, nem intime leis precisas ao querer, pois talvez amanhã terá de beber da água que hoje despreza.

Há alguns tão paradoxalmente impertinentes que pretendem que todas as circunstâncias do acerto se ajustem a sua mania, e não o contrário. Mas o sábio sabe que o norte da prudência consiste em portar-se segundo a ocasião.

CCLXXXIX. O maior desdouro de um homem é dar mostras de que é homem.

Deixam de tê-lo por divino no dia em que o veem muito humano. A leviandade é o maior contraste da reputação. Assim como o varão recatado é tido por mais que homem, o leviano o é por menos que homem.

Não há vício que mais desautorize, porque a leviandade se opõe frente a frente à gravidade. Homem leviano não pode ser de substância, e mais se for velho, quando a idade o obriga à prudência. E, embora esse desdouro seja de muitos, isso não lhe tira estar singularmente desautorizado.

CCXC. É felicidade juntar o apreço com o afeto.

Não ser muito amado, para conservar o respeito. Mais atrevido é o amor que o ódio; afeição e veneração não se juntam bem. Ainda assim, não se deve ser muito temido nem muito querido.

O amor introduz a familiaridade; e, à medida que esta entra, sai a estima. Seja amado antes apreciativamente que afetivamente, pois esse é amor muito de pessoas.

CCXCI. Saber fazer a tentativa.

Compita a atenção do judicioso com a detenção do recatado: grande juízo se requer para medir o alheio. Mais importa conhecer os gênios e propriedades das pessoas que das ervas e pedras.

Esta é uma das ações mais sutis da vida: pelo som se conhecem os metais, e pelo falar, as pessoas. As palavras mostram a inteireza, mas muito mais as obras. Aqui é necessário o reparo extraordinário, a observação profunda, a nota sutil e a crise judiciosa.

CCXCII. Vença o natural as obrigações do cargo, e não o contrário.

Por grande que seja o posto, há de mostrar que a pessoa é maior. Um cabedal com larguezas vai se dilatando e ostentando mais com os empregos. Facilmente apanharão o coração de quem o tem estreito, e ao fim virá a quebrar com obrigação e reputação.

Preciava-se o grande Augusto de ser maior homem que príncipe. Aqui vale a alteza de ânimo, e ainda aproveita a confiança prudente de si.

CCXCIII. Da maturidade.

Resplandece no exterior, mas mais ainda nos costumes. A gravidade material faz precioso o ouro; a moral, a pessoa. É o decoro das prendas, causando veneração. A compostura do homem é a fachada da alma.

Não é necidade com pouco movimento, como quer a ligeireza, mas uma autoridade muito sossegada. Fala por sentenças, obra com acertos. Supõe um homem muito feito, porque tanto tem de pessoa quanto de maturidade. Ao deixar de ser menino, começa a ser grave e autorizado.

CCXCIV. Moderar-se no sentir.

Cada um faz conceito segundo sua conveniência, e abunda em razões em sua apreensão. Na maioria, o ditame cede ao afeto. Acontece encontrarem-se dois contraditoriamente, e cada um presume de sua parte a razão; mas ela, fiel, nunca soube fazer duas caras.

Proceda o sábio com reflexão em tão delicado ponto; assim o receio próprio reformará a qualificação do proceder alheio. Ponha-se às vezes do outro lado; examine ao contrário os motivos. Com isso, nem o condenará, nem se justificará a si tão às cegas.

CCXCV. Não alardeador de façanhas, mas fazedor delas.

Fazem muito de grandes senhores os que menos têm com quê. Tudo transformam em mistério, com maior frieza: camaleões do aplauso, dando a todos fartura de riso. Sempre foi enfadonha a vaidade; aqui, ridícula. Andam mendigando façanhas as formiguinhas da honra.

Afete menos suas maiores eminências. Contente-se com fazer e deixe a outros o dizer. Dê as façanhas, não as venda; nem se devem alugar penas de ouro para que escrevam lodo, com asco da prudência. Aspire antes a ser heroico que apenas a parecê-lo.

CCXCVI. Varão de prendas, e majestosas.

As primeiras fazem os primeiros homens. Uma só equivale a toda uma mediana pluralidade. Gostava aquele que todas as suas coisas fossem grandes, até os utensílios comuns. Quanto melhor deve o varão grande procurar que o sejam as prendas de seu ânimo!

Em Deus tudo é infinito, tudo imenso; assim, num herói, tudo há de ser grande e majestoso, de sorte que todas as suas ações, e até razões, sigam revestidas de uma transcendente e grandiosa majestade.

CCXCVII. Obrar sempre como à vista.

Aquele é varão remirado que olha que o olham ou que o olharão. Sabe que as paredes ouvem e que o malfeito rebenta por sair. Ainda quando só, obra como à vista de todo o mundo, porque sabe que tudo se saberá.

Já olha como testemunhas agora aqueles que, pela notícia, o serão depois. Não se recatava de que o pudessem registrar em sua casa desde as alheias aquele que desejava que todo o mundo o visse.

CCXCVIII. Três coisas fazem um prodígio, e são o dom máximo da suma liberalidade: engenho fecundo, juízo profundo e gosto relevantemente jocundo.

Grande vantagem é conceber bem; maior, porém, discorrer bem, com entendimento dos bons. O engenho não há de estar na espinha, pois isso seria ser mais laborioso que agudo. Pensar bem é fruto da racionalidade.

Aos vinte anos reina a vontade; aos trinta, o engenho; aos quarenta, o juízo. Há entendimentos que lançam luz de si, como os olhos do lince, e na maior escuridão discorrem mais; há-os de ocasião, que sempre topam com o mais apropriado. Oferece-se-lhes muito e bem: felicíssima fecundidade. Mas um bom gosto tempera toda a vida.

CCXCIX. Deixar com fome.

Deve-se deixar o néctar ainda nos lábios. O desejo é medida da estima; até na sede material é ardil de bom gosto aticá-la, mas não acabá-la. O bom, se pouco, duas vezes bom. Grande é a baixa da segunda vez: farturas de agrado são perigosas, porque ocasionam desprezo à mais eterna eminência.

Única regra de agradar: apanhar o apetite aticado pela fome com que ficou. Se se há de irritar, seja antes por impaciência do desejo que por enfado da fruição. Goza-se em dobro da felicidade penada.

CCC. Em uma palavra, santo, que é dizê-lo tudo de uma vez.

A virtude é cadeia de todas as perfeições, centro das felicidades. Ela faz um sujeito prudente, atento, sagaz, cordato, sábio, valoroso, reportado, inteiro, feliz, plausível, verdadeiro e herói universal.

Três esses fazem ditoso: santo, são e sábio. A virtude é o sol do mundo menor, e tem por hemisfério a boa consciência. É tão formosa que leva a graça de Deus e das gentes. Não há coisa amável senão a virtude, nem aborrecível senão o vício. A virtude é coisa de veras; todo o mais, de burlas. A capacidade e a grandeza hão de medir-se pela virtude, não pela fortuna. Ela só se basta a si mesma. Vivo o homem, faz dele amável; morto, memorável.